

# AUTORES & LIVROS

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"  
31/1/1943 publicado semanalmente, sob a direção de Mucio  
Ano III Léo (Da Academia Brasileira de Letras) Vol. 10  
Dúm. I

## Notícia sobre Carlos de Laet

**Carlos de Laet** — Carlos Maximiliano Pimenta de Laet — nasceu a 3 de outubro de 1841, na cidade do Rio de Janeiro. Era filho de Joaquim Ferreira Pimenta de Laet e da d. Emilia C. Ferreira de Laet. Aos 14 anos matriculou-se no 1º ano do Colégio Pedro II. Ali fez um curso brilhantíssimo, obtendo distinção em todas as cadeiras. Foi sempre considerado o principiante almo da sua turma, e alcançou sempre os primeiros prêmios.

Lavrado bacharel em letras, matriculou-se na Escola Central, hoje Politécnica. No curso de Engenharia manteve, como é fizeram no Gimnasio, o primeiro lugar.

Formado em Engenharia, não quis seguir a carreira. Sua vocação estava no professorado e no jornalismo, e foi para essas duas atividades que ele se voltou.

Em julho de 1863 fez concurso no Colégio Pedro II para a cadeira de Português, Geografia e Aritmética, disciplinas que formavam o primeiro ano do curso. Foi nomeado, depois das provas excedentes que prestou. Em 1915, com a reforma do ensino secundário, desapareceram aquela que Ramiz Galvão chamou "anomalia" — a razão de 1/3, disciplinas tão disparem numa mesma cadeira — e Laet foi então nomeado professor de Português.

Por um momento, esteve ele a ponto de ser seduzido pela política. Em 1880 uns amigos monarquistas instaram com ele para ocupar uma cadeira de deputado. Laet aquisceu, e foi eleito, simultaneamente, por duas províncias — Mato Grosso e Paraíba. O adueto da República, porém, em 16 de novembro, privou-o de sua cadeira. Fiel ao Imperador, de quem era grande amigo, fletiu à Monarquia, que julgava o único réplice compatível com a formação e as tradições do Brasil. Laet desde então afastou-se de qualquer portfólio político — e não será, é claro, aquele que cultivava a memória de D. Pedro II. Suas consciências monarquistas por mais de uma vez lhe causaram contratempos bem grandes.

Em 1880 — conta-o um dos seus mais próximos biógrafos, Ramiz Galvão — ao estudar a vida do seu antecessor na Academia Brasileira de Letras — em 1890 — deu-se um episódio que muito amargurou o espírito de Carlos de Laet. Proclamada a República, derrotou o Governo Provisório extinguiu tanto quanto possível, quaisquer reminiscências do passado regime. Uma das medidas que tomou foi substituir o nome de Colégio Pedro II pelo de Instituto Nacional de Instrução Secundária. Na sessão da congregação da corte, em 1 de maio de 1890, Laet, tomou a palavra e requereu fosse feito um apelo ao governo republicano, no sentido de voltar ao estabelecimento o seu nome antigo, que era o de alguém que com o maior contentamento desejaria sempre pelo progresso da casa, pelo desenvolvimento de seu nível intelectual. Houve grande tumulto entre os professores reunidos; — pois — a grande maioria deles eram profissionais republicanos, e estavam intimamente voltados contra a medida do governo. No dia seguin-

te o "Diário Oficial" trazia, com a data de 3 de maio — a mesma em que Laet falara na congregação — a demissão do professor! Pouco depois, Benjamin Constant conseguiu transformar o ato de demissão em apresentador, conservando a Carlos de Laet algumas recursos, suficientes para que ele pudesse viver. E só no governo de Washington Luís foi ele reconduzido ao seu posto no magistério secundário.

Laet exerceu, desde então, ate

1925, o seu cargo de professor,

sendo também, durante longos

anos, diretor do Internato Pe-

dro II. Naquele ano deu-lhe

apresentadoria o ministro Júlio

Luis Alvaro.

Na mesma época que exerceu

a cadeira do Pedro II, exerceu

o ensino em outras estabeleci-

mientos do Rio de Janeiro. Foi

professor do Externato de São

Bento e do Seminário de São

José, entre outros. Na sua qua-

dade de diretor do Pedro II,

teve assento no Conselho Su-

perior de Ensino. Ali revestiu,

em 1927, esta cá-

pitula.

Carlos de Laet faleceu em 7

de dezembro de 1927, nesta cá-

pitula.

As discussões acima, as duas

profissões de Carlos de Laet fo-

ram a de professor e a de jo-

rnalista. Da primeira já falamos.

Quanto ao jornalista, parece

que podemos fixar as suas es-

treitas em 1876. Laet trabalhou,

então, no "Diário do Rio". Dali

passou, em 1878, para o "Jornal

do Comércio", e nesse tribuna

lavrava durante dez anos, as juntas

fimpadas de seu "Microcosmo"

Trabalha, também, como colab-

orador ou como redator nas

colunas da "Liberdade", do "Brasil"

do "Tribuna Liberal", do "Jor-

nal", do "Jornal do Brasil", do "Co-

mércio de S. Paulo", e do "Jor-

nal". Seus trabalhos, nesses vár-

ias folhas versam os mais va-

riados assuntos, e são, às vezes,

esplêndidos enunciados sobre ma-

teria histórica, matéria, ar-

tística, matéria literária, cri-

tica de poesia e crítica de

costumes. Enfim, a produzido

desse grande mestre da prosa

brasileira, quando reunida em

volume, poderá ser alguma coi-

sa da maior importância — al-

guma coisa que, pela majestade,

e pela ironia, e pela subordina-

ção única em nossa terra.

Deveremos aqui aludir a outra

daquelas desventuras que as

convicções monarquistas e bem

assim o deixaram do artista

militante trouxeram a Laet.

Referimo-nos à perseguição de

que foi alvo em 1893, por oca-

são da revolta da Armada. O

jornalista teve então que re-

trair em S. João do Rio. — e

bendito foi esse exílio que lhe

ofereceu oportunidade para ex-

porar o "Em Minas", admirá-

vel livros!

Outro ardoroso, Carlos de

Laet foi uma das grandes vozes

que sempre estiveram na defe-

sa da Igreja, em nosso território.

O título de Conde, que pelo Va-

tinga lhe foi conferido vale

como o testemunha mais elo-

gante do quanto sobre ele se

afiliou à Igreja de Cristo em nos-

so país. Presidente do Círculo

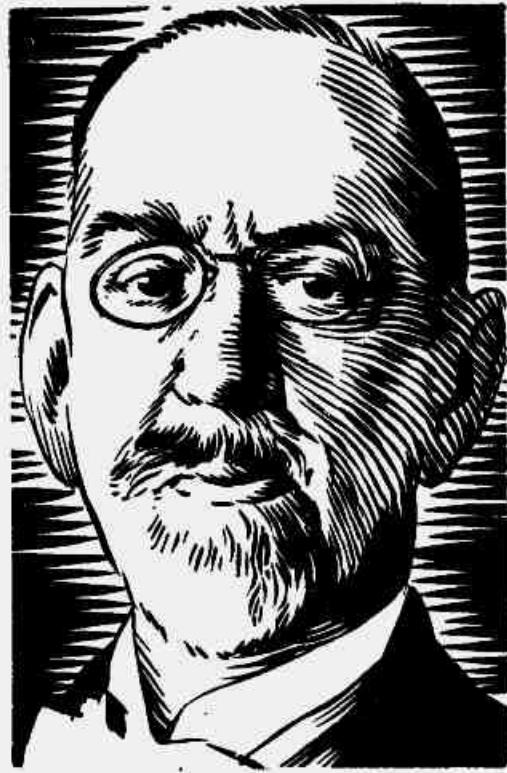
Católico ali festejado, ele trouxe

uma atuação de chefe esclare-

cido, sereno e lucido.

Por ocasião da fundação da

Academia Brasileira de Letras,



CARLOS DE LAET

## SUMÁRIO

PAGINA 1:

- Notícia sobre Carlos de Laet.
- Bibliografia de Carlos de Laet.
- Sumário.

PAGINAS 2 e 3:

- Algumas poesias de Carlos de Laet.
- Apólogos.
- Desengaños.
- Quando nós nos casamos.
- O Hino do Centenário.
- A fada.
- Salve.
- Sonetos Futuristas.
- Carlos de Laet (nota da redação).

PAGINAS 4, 5 e 6:

- A Imprensa, conferência de Carlos de Laet.
- Correspondência de escritores: Carta de Carlos de Laet a Afonso Celso.

PAGINA 7:

- Aniversário da morte de Laet, de A. J. Chedid.
- Carlos de Laet nos meus anais, de Carlos de Laet.
- Lávor a Laet, de Coelho Neto.

PAGINA 8:

- História do Brasil, de Carlos de Laet.
- Correspondência da escritora: carta de Carlos de Laet a José Verissimo.
- De S. João a S. José d'El Rei, de Carlos de Laet.

PAGINA 9:

- Verbetes, de Carlos de Laet.
- José de Anchieta, de Carlos de Laet.

PAGINA 10:

- Carlos de Laet, de Humberto de Campos.
- Espigas Históricas, de C. de L.
- Carlos de Laet na opinião de Vítor Corrêa.
- Revista de Cultura, em suas páginas tem sido republicada grande parte da obra avalisa de jornalista de Carlos de Laet.

PAGINAS 11 e 12:

- Um capítulo de Geografia Humana, de Carlos de Laet.

- Reminiscências melancólicas, de Carlos de Laet.
- O Job brasileiro, de Carlos de Laet.
- Estátua e hoje, de Carlos de Laet.

PAGINA 13:

- Retrospecto Literário de 1942, lido por Mário Leão na Academia Brasileira.
- Duas canções de silêncio, de Vinícius de Moraes.

PAGINAS 14, 15 e 16:

- Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea — Primeira série: Antologia da poesia — I — Manuel Bandeira.
- Poemas de silêncio, de Vinícius de Moraes.

PAGINAS 17, 18 e 19:

- Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea — Primeira série: Antologia da poesia — II — Manuel Bandeira.
- Notícia sobre Manuel Bandeira.
- Bibliografia da poesia de Manuel Bandeira.
- Poemas escritos náguas.
- Inscrição.
- Chama e fume.
- A canção de Maria.
- Elegia para minha mãe.
- Vou-me embora para Padrugada.
- Oração a Teresinha da Menina de Jesus.
- Madrugada.
- Canitena.
- O descante de Arlequim.
- A dama branca.
- Hiatos.
- Toante.
- Alumbramento.
- Carinho triste.
- Noite morta.
- Pneumo-torax.
- Comentário musical.
- Poema de finados.
- Poética.
- O último poema.
- Profundamente.
- Canção de muitas Marias.
- Acalanto de John Talbot.
- Antologia da Literatura Contemporânea (notícias da redação).

- Algumas fábulas de estudo sobre Manuel Bandeira.

# ALGUMAS POESIAS DE

**A VOVÓ BRUXOLEIA O JAVETADILHO**  
e a bruxoleia, um dia, de dia e noite,  
vive a pessoa sentada,  
de le vivo fandai.

**EM MAGNÍFICA ESTAÇA, DEMBROCHA**  
a camélia inebriar;  
no o cacto silvestre e lelo e rude  
mata de sertanejos aromas  
os penas que enlora.

**MOR, VIVO É COMO A LUZ DA ERMIDA POBRE,**  
— mor a alvagaria flor.  
**EM VELAS ALUSTRAS ARTE E BELEZA,**  
não a fogo vivam doma so' crença,  
canhas doma so' amor!

(Poesias)

## APÓLOGOS

(AO DR. LUIZ A. DO BOM SUCESSO)

De toute fiction l'autre fausse-t-il.  
Ne t'esi qu'à faire aux yeux briller la vérité.  
(BOILEAU)

I

## O VIJANTE E O MAR

(Lido no Instituto dos Bacharens em letras)

**EM OUTRA VELHA CONTAMPAÍA O OCEANO,**  
v. desfilando as naus ilustrosas.  
— Quem ves troux? pergunta; quem ves leva?  
— Não, respondem-lhe as vagas bulgosas.

**MAS ALÍM, TEMPERADO, EM FRUIT BARCA**  
v. o pac sobre o abismo um pescador...  
— Quem queim rei éndia e te sustenta?  
— Eu! Eu sou o Oceano no viajar.

**EM TANTO, NO HERDILHE, O VIANDANTE**  
v. a mar, a mar, a mar...  
— Quem é tu? — Da Oceano;  
— Saber o col que tua corola.

**E SÓ NUNCA ENCONTRO EXALMA DA VAGA;**  
Só nuncas o mar, pôr praícal  
E só nuncas o mar, o segredo  
G. a intonda forja me revela.

**O MAR FALOU EXALMA O MAR SERREDO**  
o mar, o mar, o mar...  
e o mar é tu que tal compõe,  
o mar é tu que é tua constância.

**TU QUE PERMITI que os louras canas**  
v. a fer... do tu a tu pergeçes;  
o tu que lula e vence restas pâcas  
não perço diaf... e o Bom-Sucesso!

II

## O ESTUDANTE E O RELÓGIO

Certo estudante quando  
descalço o campo edat,  
com a roupa de ir para a escola,  
deu com pedreiro p'ra trás.

**SORRIU-O DE DESPREZAR**  
que o seio querel prar,  
preguas d'vidas; — docinha  
não pode o tempo voltar.

III

## A FLOR DA PODRIDAO

**NUN CAMPO SACRAL PEDRENTO**  
cultura um burro achou;  
screve o a meno esquife  
rubra proprieda birtou.

**NOTANDO-A CORRIDA VIDA**  
com mico botões desa cutão;  
Quinta-feira quanto amilho,  
muge arco da peçanha!

(Poesias)

## DESENGANO

De que lamento: sóz a mente afana  
A existência fazia me não doiarava!  
(BOGACÉ)

**ATÉ-ONCE RESENTE DE VERDADE**  
a encosta do rosto e do infinito;  
escravo fui do imprevisibil  
que minha alma selou na solidade.

**DESENGANO CRUEL, FATALE!**  
no tremendo real, sóz mudito,  
pazeli vida de errado e de brocado  
e perfume perdido da mocidade!

Pedi a luta — e dão-me um labirinto  
onde exaltei o embrião o entendimento  
e réia a sombra que envolver-me sinto.

Deus, responde, socorre ao desvento;  
se a verdade aqui resili se acaso minto,  
tira-me ento, pra vê-la, o entendimento!

(Poesias)

## RETRATO

Um perfil de Madona pensativa,  
um modo entre carinho e esquivança  
mais de honesta, pé de Generosidade,  
tarroso de criança!

**VOS DE CRISTAL FERIDO, OLHOS TÃO VIVOS**  
que ora são diamante, ora veludo,  
nariz d'estatura, pequenino despota  
que é mesmo rei de tudo;

**NA FRONTE ALGUM PENSAR SUBLIME E SANTO,**  
nas lábices a bulir fino gracejo,  
e um queixinho, armadilha da beleza  
para apatinhar um belo;

**SELO DE JURÍL, NINHO MIMOSO**  
d'onde casta ternura se irradia  
alma feita dum riso de Citera  
e um pranto de Maria:

**EIA É ASSIM! — NÃO EXAGERO, CREDE...**  
e Deus p'r' completar o meu tormento,  
dru-me o pouco-julho dum poeta  
e fez-me ciumento!

(Poesias)

## SE EU FOSSE O TEU GATINHO

The deep affection of the breast  
That Heaven to living things impart  
Are not exclusively possessed  
By human hearts.

(CAMPBELL)

Transmutado num touro, alcançou Jove  
de Europa o amor lascivo,  
de Venus o poeta em ave cida  
mudar-e e o canto allivo:  
Leda o efecto sentiu do treco c'ne  
que no seu gentil tronco sustinido;  
convertida em jorouro, Dafano o ouvia  
come a fronte de Delfo enamorado...  
Oh! mil vozes feliz forá meu fiado,  
e aportava a tristeza em que desfio,  
se eu podesse deixar a humana forma,  
se eu fosse o teu gatinho.

Nunca em suja cozinha me verias  
futar o que ali há;  
ferias meus alimentos — fios d'ovos,  
in caçou leite e chã...  
Do berçalho ao esfor, que no lasso corpo  
da no tempo de chuva algum rote Hugo,  
não me iria emungar. Em tec remaro  
pruritico agasalho e mais zos...  
Desdacharia os gatos atos solos,  
por fazer jus ao seu menor curialho;  
um bichano exemplar forá, tu te juto,  
se eu fosse o teu gatinho!

Se as injúrias de antigos avoengos  
em mim vingasse um rato  
tu te ouviria dizer, de noite, a volta:  
— Corridão do meu gato!  
Se em fulma aventura perseguido  
eu fugisse com medo do trilhado,  
em arisco embébida a arranhadura  
por teus dedos gela. — Oh! doce fadol  
sparavas-me alerta, — e em tristia  
e pelo medo e liso, alto e foemino...  
Mais pitoso serio no meu braço,  
um bichano exemplar forá, tu te juto,  
se eu fosse o teu gatinho!

Em teu quarto, de noite, na penumbra  
da escassa lamparina,  
pela fresca da porta entrara ufano,  
ventura de um rei d'na!  
Um olho sempre alerta, outro fechado,  
rosnadio os meus versos mais risinhos;  
triste do camondongo que viesse,  
mendo a alfombra perturbar-te os sonhos!  
E quando o sono os olhos te cerrasse,  
em dormira enroscado num cantinho; —  
no amor, na discrição seria Amadis,  
se eu fosse o teu gatinho!

Oh! ladrão da sorte, quando injusta  
fere os homens e os gatos!  
que enjeita o papa-ratos!  
Mas tu, lada gentil, tu que mudaste  
com o voler de teus olhos meu futuro,  
é bondosa uma vez — e cumpre um dia  
de teu rosto o anelo ingênuo e puro...  
E se não podes dar-me os verdes olhos  
e as barbas senhoris do teu bichinho,  
dá que eu viva a teus pés como fizera  
se eu fosse o teu gatinho!

(Poesias)

## QUANDO NÓS NOS CASAMOS

Quando o dia chegar, Delfo formoso,  
Em que afinal, como desejo, eu posso  
Unir à minha, tua mão mimosa,  
Da modicosa manéao que ora te abriga,  
Um patelé farei: p'ra transformarmos  
Baste só nosso amor, nossa alegria

Quando nós nos casarmos:

Hão de vir récias moças enfitiladas,  
Tusa primas e irmãs, avós e tíias,  
Que nas lutas do amor são jubiladas,  
Poderemos a sós falar, beijar-nos,  
Será lícito aos nos abraçarmos:  
Que ventura donzela, que delícia!

Quando nós nos casarmos:

Num faceiro "coupo" por dois luxentes  
Nedios "bichos" jazadiam com grá buňa.  
Contentos à igreja nati contente:  
Há de os moços montar-se desfildados,  
Há de as moças me olhar quando passarmos;  
Quanta invi ja, menina, casarmos!

Quando nós nos casarmos!

Sobre as branças roupagens, vén bordado  
Trajais nesse dia; tu, de casaca.  
Caixa preta, loura e cíaque no lado:  
Entraremos no templo de mias dadas  
E há de o padre benzer-nos, mal chegarmos;  
Se falar em li-lim, p'ra man corti-le.  
Quando nós nos casarmos.

Prazer novo, folgado e brindadeira  
Nos aguarda na casa, em que se ogita  
Dos amigos a turba galhofeiro:

Tomarmos com chá parcos doçinhos,  
Dançarmos também... mas sem casarmos;  
Muito tino é maior, muita energia  
Quando nós nos casarmos.

Quando o instante chegar más bem querido,  
E no tard relégio altro ponteiro  
Da ventura o momento houver traslido,  
Que faremos então? Não sei, denzelas;  
Muito pejo nos vela em tal infarmos!  
Quando nós nos casarmos!

("Gazeta de Notícias" de 10-1-1977)

## O HINO DO CENTENÁRIO

Oh! Deus de nossas pais! de enja deixira  
cabem os seculos como grãos de areia,  
contreguemos-nos lujo, unidos, livres,  
para, leia a ti, leia à pátria,  
aguardar-te e ovo que teríam  
e confiar-te o ovo que temíam.

Onde outrora, segundo os teus desígnios,  
soltaram nesses pais esse teg brando  
que retumba, estribilho jubilos:  
de rotos ferros, de grilhas que tombam,  
p'ra ornar o dia festo, os novos hinoedas  
de mil plenas da terra certidões.

Oh! se comisco, em quanto o novo mundo  
saudar o vrila, aguinhando as rãs,  
descendendo os titânicos do trambão  
e os trots, d'artil' todos que o sol cobre;  
E para o bem comum, predo a justa  
dos dois rivais: — o braco e a liti'nicial!

Tú que em plena concordia aqui justiste  
as bárbeas bâncos da orbe mitrada,  
debaixo das etias pátrias no oriente  
a oriental missão d'que se cumpra,  
e onerados do amor o' velozinho  
despede em paz da paz os arromantaz.

Pelas tréguas da arte e do traballo,  
pelo consórcio da beleza e do útil,  
gracias te damos; mas também queremos  
as austeras virtudes salvadoras,  
a honra incorruptivel e massa nunca  
ou comprida ou vendida à humanidade!

Oh! através dos seculos, Senhor, laxe-nos  
na paz seguros, na justica extrepuas,  
ampara a liberdade, a nossa cédua,  
da integra lei tua co' o presidio,  
e, injetado num molde mais divino  
éclipe o novo ciclo ao certo antigof  
("Gazeta de Notícias" de 4-7-1978)

## A FADA

Quando era pequeno ainda  
Sonhei que una fada linda,  
De docia e graça infunda,  
Veo meu sonho embalar;  
E entro com vozinha alegria  
Me cantava esse cantigas,  
Estas baladas míticas  
Que lindo me fazem esmirar.

Mos 1000 que aumentando  
Me via elas, alegrando  
Pelo seu canto encantado,  
Por sua voz cançao.  
Me levava nos seus braços  
Transportada em terras lindas,  
Para os seus átrios caçoaç  
Onde era um reino.

Ali com tempos surriscos  
Me mostrava os parcos  
Onde, entre gratas e risos,  
Passava a vida morta.  
Tendo os céus por p'ra-coto,  
O sol como rócio no coto,  
Por diadema o firmamento  
Com seu lucero eterno.

Várias pedras preciosas  
Eram lá tão numerosas,  
Que se viam radiosas  
Pelo solo a cintilar;  
E a luz que ai se via,  
Bem que mais clara que o dia,  
Tinha essa doce magia  
Das noites de almo luar.

# CARLOS DE LAET

AI ouvi sonoroso  
O ruído da tempestade  
Que a noite seouve queixoso  
Por alas tristeza  
E a noite na solidade  
Lembra-me um níndade  
Tá-te certo de amar-te  
Que as bendades sentir.

Desvanece a compaixão  
Vai-nos dizer a prezença  
que é a tua felicidade.  
A felicidade de crer tal  
Que sempre as coisas sara  
Dá-nos mil brios novos  
As estrelas, muitas luas,  
E uns pratos de coral.

Amoroso eu contemplava  
A tantas coisas que olhava,  
E essa lheu que falava  
Fui com medo discorrer:  
"Mãe, fala que aqui moras,  
Que me beijas, que me adoras,  
Ai! Deixa que as certezas  
Da existência em pases aqui!"

Mas da entusias desregando  
Sai o olhar, com que fitando  
Com temor gesto meu brando  
Me aterrei até cair.  
Pois, entre choros contido,

que os sentem tão dolorido  
Que o perdi ressentido  
Penetrar-me o coração:

Judeu infante, que imprudente  
Desse o ouvido inexperto!  
Ao tempo canto plamente  
Quem tem berro hoje entoou,  
Na tua peças que em prazeres,  
Foste amora e tanner,  
Sai que sem saberes  
A vida que te poupe!

Corre e medra, e não te importa,  
Era o aviso transpor  
Que quis a inconstante sorte  
De te levar experimentar!  
Era tu sempre jocando  
Na tua caçada mundo  
Do mundo no pego fundo  
Que teve e perdente evitava.

Sai, tu quanto bem viste,  
Que tu que amouste ouviste,  
I, conto esse abismo triste,  
Que, infeliz, fando meu tem,  
Quem do Poco rubro,  
Cai o violento insensato,  
Que do caminho não certo  
Nao vira o batente bem.

O que é que te encanta  
Revolvendo de vez tanta,  
E que de amores descança  
Da quiete na solidão,  
E' um abismo meu, sevoro,  
De maldade, não puro,  
Que conduz no vicio impuro,  
A senda da perdição.

Assim também é da vida  
Que se antolha florida,  
Mas ta tradição humilda  
Que se pratica sem dó,  
Por o vicio medonho  
Que mostra aspecto risíduo,  
Que intendo como um sonho  
Morte e luto deixá-sa".

Dizendo o sábio e prudente  
Discutir o grave e eloquente  
Que eu escutei reverente,  
Aberto, todo aí,  
Sumiu-se o sonho de amores  
Do airoto os brancos palcos,  
E a visão como em vapores,  
Foi-se pra longe de mim.

E quando os olhos ardem,  
Ao mundo de novo vindo;  
Despertei de novo ouvindo  
Palavras da deste mundo;  
Percorrendo o erro fatal,  
Eu senti não ser real  
Essa existência, ideal  
Que imaginaria, jocando.

Mes na memória distinta  
Pelo lindo que foi dada  
Nessa visão encantada  
Que hude revere risonho,  
Grave o tanto preciso  
Que com doce brando asperço  
Dera essa fada no meu peito,  
Entre as imagens de um sonho.

Janeiro de 1864.

## SALVE

A RAMON FRANCO

(Traço ao Brasil o coração da Espanha)

É noite ainda... Vai partir... Rebraime  
O mar em fúria sob o peso afante  
Do estupendo aparelho, que ao tentâmo  
Arrojano se atraia... Mais avante.

Vai partir... Superou quanto o detinha.  
Mas vaso melancólico o lançava:  
Cinda na espuma astuta, e na velhinha  
Que rezou e chorou na longinqua aldeia.

E num curto dia só, que verdadeira  
Nos perigos nos crentes, acompanha:  
"Virgem do Carmo, santa padroeira,  
Proteve os filhos da briga Espanha!"

Partiu. Vou mais célebre que o pombo,  
Que no céu risca curva o seu caminho:  
Leva consigo o génio de Colombo  
E o nortear segaro de Coutinho.

Que pretendo esse herói? Que sonha ou  
pensa  
Para mais exaltar o nome hispano?  
Vai voando e rascando a névoa densa,  
Roux-lhe asas pés o abismo do Oceano.

Ele não vai errante como o cego:  
Cumprê de Deus os mandos previdentes:  
"Vai, marinhe do ar, suprime o pego,  
Une em laço de amor dois continentes!"

De a bateaux gigante-ca revoadas  
Vindo a nave assomar possante, estranha,  
"Passar de largo" diz: e o céu lhe brada:  
"Abre caminho à gloriosa Espanha!"

Das estrelas atônitas a coorte  
Contempla os feitos de mortal memória.  
Unhas dizem: "Rumando vão a morte!"  
Outras: "Vão rumo da vitória!"

Uma gaivola audaz segue-lhe a esteira,  
Sem se importar da máquina tananha:  
Guarda de honra da plaga brasileira,  
Vai escoltando o coração da Espanha.

Chega, sempre sereno e destemido,  
Comitante no auxílio sobrehumano.  
Desceu atras o temporal vencido:  
Frente-lhe aos pés o plácido oceano.

O' vitoriosa estirpe, o raça ibérica!  
Não valem avós a emparar-te o brilho!  
Espanha, augusta mãe da noa América,  
Bem-te a mão na frente de teu filho!  
Rio — 1924.

## SONETOS FUTURISTAS

*Carlos de Laet*

Manhã. Frio. Carreiras. Quitandeiros.  
Futuristas. Idiomas. Maluquice.  
Bonde. Jardins. Garis. Parlapiáceas.  
Acuínhas. Automóveis. Gazeteiros.

Olho grande. Ambição. Valsa. Raticos.  
O Futuro. O Passado. Os acapiqueiros  
Caminhos de rapim. Cubos. Tinteiros  
Pinheiros. Palhares. Tintas. Macauquice.

Olhos em alto. Canadonjões. Giza.  
Gênios. Botas. Botinas e tripeça.  
Sapateiros. Amor. Filosofias.

Batatas e cebolas. Nova peça.  
A aranha. O Graca. Novas energias.  
Café com leite. Futurismo à Bessal

Tarde. Avenida. Gente. Braços nôs.  
Pequenolas. Decotes. Almofadas.  
Futuristas. Alves. Doces. Cozinhada.  
Deputados. Carnações. Urubús.

O Graca. A claque. O Futurismo. Nada.  
Taxi. Bonde. Encontro. Catapust.  
Assistência. Meninos. Pouca Ius.  
Muita prosa. O Futuro. Pataquada.

Céu verde. Mar de leite. Estrela preta.  
Mais graca. Mais topete. Lábio azul.  
Quorio. O velho Alves. A chupeta.

Aranha. Avô. Avô. Ave! Taful!  
Ligação. Beira-mar. Potooca. Peta.  
Telefone. Afinal, sciencia sul... .

Noite. Calor. Concerto nos telhados.  
Cubos. esferoides. Galas e gatos.  
Venus. Gracas. Aranhas. Caripatus.  
Mcindrosas. Poetas assassinados.

Rababetez azuis. Sóis encarnados.  
Comida no alguedor. Cuspo nos pratos.  
Três rondas a cavalo. Mil boatos.  
Prosa esquipedial. Tropos safados.

Avenida deserta. Bondes. Brama.  
Chopp. Pidalgas. Leite. Pão de lo.  
Carros de irrigação. Salpicos. Lama.

Vacas magras. Esfinge. Triste. Sô.  
Tumor mole. São Paulo. Telegrama.  
Dols secretas. Cubismo. Xilitro.

(1924)

## COLLEGIO PEDRO II

EXCELENTÍSSIMO SENHOR D. CARLOS DE LAET

23/1/24

Raul Henrique Barreto

Ramón Franco

História do Brasil

Suplemento

23/1/24

Presidente

# A IMPRENSA —

**Exmo e reverendo sr. arcebispo.**  
Bem-vindo ao Brasil, no dia de  
Hoje, 31.1.1943. Meus sentimen-

Frequentando ocupar a vossa be-  
nevolência nascendo durante alguns  
momentos, julgo merecido orientar-  
vós quanto ao objecto da tua  
corta encia, para que da vaga  
informação enunciada do seu  
tempo, quais se podem co-  
ncluir.

Eu não venho, senhores, dis-  
pôr em estilos floridos sobre a  
importância e as vantagens da  
imprensa. Sí, que falo diante de  
pessoas ilustradas, e com elas  
no tempo amplificando tais  
lugares comuns. A imprensa  
tem o seu conteúdo? é o mais  
puro uso moral que se tem. In-  
vitando para a divulgação do  
parlamento, e pôde em divida-  
se a arremessar o paradoxo  
entre a evidência.

Não venho tampouco, senhor-  
es, formular um libelo contra  
a nobre filha de Gutenberg,  
e com elas se diz, em estilo de re-  
porto, e muito menos ainda atacar  
a imprensa republicana,  
que assumiu um papel diário  
de hoje.

No primeiro lugar, quando  
desço esta tribuna, que alto-  
tores de cidadão da verdade pos-  
so em pleno muito inferior,  
e quando assim obedeço as or-  
dens da Ilustre diretoria desta  
Câmara, sou alegria eu deixar  
que toda a minha aspira-  
ção e paixões e qualquer res-  
pecto me levará a escrever. E des-  
pois, senhores, privado-me e di-  
cretado que nemhumas queixa  
me devo de imprensa do meu pa-  
trio.

Leticamente, ela me tem  
estendido, n'esse vinte e seis  
anos de jornalismo, todos os clu-  
gares... todas as contumilias.  
Obrigado.

E exata, em 1880, um critico  
muito célebre e competente, o  
sr. Silvio Romero, asegu-  
ria que só nisso em boa  
compreensão, que na moda litera-  
ria fluminense havia trânsi-  
tado grandeza. Um era o sr.  
Mendes de Azevedo, e o ou-  
tro era o finaldo visconde de  
Taubaté; o terceiro, escusado é  
exercer-se tal era em fluminense.  
Ultimamente, porém, tu-  
lhou, larga e excesso livre pu-  
blicado para celebrar o quarto  
centenário da descoberta do  
Brasil, o mesmo critico,  
sem ser competente... notável,  
elegeu-me um posto de honra  
entre os dezenas principais da  
presa nacional. Lá está na pá-  
gina 125 (eu devorei a página)  
em destaca os principais me-  
nos, nem menos riso e eu  
sou um delas...

Conte o sr. José de Patrocínio  
de que a mesma coisa. Ora, para  
esse publicista eu sou o tanto  
impertinente que, tudo sacrificando  
a defesa de uma ideia,  
principio de sé sobre os es-  
ceremos da monarquia, ora, o  
largo do Oura Preta (riso) a  
fligir que propagava religião  
para fazer uma arma podre.  
Praticante, eu tolo a aliança  
astrita agradecido o coitado, e  
quando me encantei com esse  
cavaleiro, a minha primeira  
pergunta é esta:

— Jo, é em que ponto nos  
achamos? seu último artigo foi  
elogio ou descompostura? El-  
com todo o seu bom coração,  
aliança que me quer muito...  
Somos excelentes amigos (bla-  
bla).

Um dos papéis que dia-  
scopicamente se estampam nesta ci-  
dade, no dia de meus aniversários, em 2 de  
outubro próximo passado, devolveria que eu era isto: "Pa-  
trônio" terro e impetuoso, cara-  
ter de fúngera rara, espírito  
desconcertado e in domine vel  
entusiasmado a sua vida pública  
em um exemplo de desassombro  
e de indiferença que só de  
nenhum de o nome através da  
noite bateu". Eis o meu belo  
retrato de hermano público, mo-  
rano de laieno particular: "Em  
meu nome e favor das crónicas  
políticas, é que nos igno no es-  
crito". (Applausos).

pela probabilidade e pelas nobres  
virtudes que com o seu talento  
de exímio, formam na sua indi-  
vidualidade a couraça intangi-  
vel com que se apresenta nas  
listas jornalísticas".

Muito bem; mas passados oito  
meses, o mesmo jornal, cujo  
nome não é só por desfalcamento  
de memória triste, apre-  
sentou-me aos seus leitores  
como uma ente asqueroso e com  
todas as chagas morais que po-  
dem afetar a humanidade!

Senhores, não falando dos  
meus vultos eminentes, que  
naturalmente estão sempre em  
discussão, eu, entre os homens  
medievos e mercedários obscuros,  
sou aquele sobre quem  
mais tem chegado elogios e com-  
batidas. Claro está que nem des-  
pendendo as coroas que me ofe-  
recem, nem perco o apetite com  
as composições com que me  
escutam (hilaridade). Sabels o  
que na aritmética se entende  
por média. Adicionam-se as  
parcelas e divide-se a soma pelo  
número delas. E o que temo  
é, e no fim das contas, an-  
tigas foram generosas para co-  
migo.

Nestas condições, bem com-  
preendendo que nem o ruscor  
senhorinha paixão absolutamente  
me impõe no que vou dizer, e  
que o fim desta conferencia  
é tão somente de ordem filosófica  
e social, destinando-se a pre-  
ministrá-los, e aos meus compa-  
triotos em geral, contra aquilo  
que eu vihamo — a tirania da  
imprensa.

Tirania da imprensa! Sim, ti-  
rania da imprensa... Assim  
é assim lancado a palavra, le me  
est lance... Nescit vox misa  
reverti, não volte atros o que  
lá disse e remedie não tenho  
sido justificar a minha tese.

Senhores, uma das grandes  
singularidades dos tempos atuais  
é que os povos vivem a  
combater fantasmas de tiranias  
e indiferentes às tiranias verdadeiras.  
As revoluções derribaram  
monarcas, que às vezes são ma-  
nusímanos pastores de povos.  
Actualmente cortavam-lhes as  
cabeças, mas hoje nem saquei  
essa honra lhes fazem: contentam-  
se com despedir-lhos, fazem-  
nos embarcar a deshora, porque  
sabem que lá poucos são os  
que resistem da sua missão pro-  
tagonística e do seu dever de re-  
sistência. Por outro lado,  
apresenta-se a tirania do capital  
e, adverso a todo capitalista e a  
cada empresário, está a tur-  
ba, que é somente descontente  
e que é somente descontente.

A maioria tratada no Brasil

querer atraí-la não é, ef-  
ficientemente, o que dela dizem as  
folhas, sistematicamente difi-  
cultando mas não vale negar a  
influencia que também sobre  
ela exerce a cunha apixonada  
dos jornaes. Conheço juizes au-  
tores, soldados da sua honradez  
pobreza, magistrados de tor-  
pes lides não pertencem a elas. Toda-  
via, esses magistrados tremem  
da infaria impresa e triste-  
mente estão descaem da sua ha-  
bitual rectitude.

Não é somente, mesmos senho-  
res, sobre o momento político —  
sobre o juiz que se exerce o po-  
der direto da imprensa: não  
há nemhum de vos que esteja  
isento dos mesmos acontecimen-  
tos (Applausos). Sobre um fun-  
cionário público pode um folha  
fazer poliar suspeitas de pe-  
culato ou de auborno. O padre  
mais de uma vez se tem visto  
desacatado, nadando-se-lhe a  
reputação com ignobles pechias.  
A imprensa caluniosa já tem  
subido ao sôlo dos bispos, e ate  
mesmo ao dos Papas. Pio IX  
foi um santo, e ninguém ignora  
quanto correu mundo a torpísima  
felicão dos seus amores...  
O negociante, o industrial, o  
médico — todos, senhores, todos  
tem a sua reputação a sua  
honra à mercê dessa misteriosa  
divindade, dessa potestade que  
da e que lira mais do que a  
vida, porque a honra vale mais  
que a existencia. (Muito bem!).

Em todos pais a liberdade da  
infaria e difamação somente  
em frente do soldado. O  
jornalista atrairá o calvário  
por via de regras, pouco lhe é Bla-  
bla, mas sempre lhe chegam aos  
ouvidos um trecho de S. Paulo  
aos Coríntios: "Non sine causa  
gladietur portari" — disse o aposto-  
lo aos Gentes: "Não é abus que  
ele fala espada chita". (Risos).  
San Paulo falava do princípio  
que o jornalismo compreendia  
que todo mal é o malice, que  
é o soldado quem traz espada,  
e prudentemente se abatem de  
invertar as classes armadas.  
Resistam os vulgum pecus dos  
povos, resistam nos, senhores,  
para as suas exercícios e  
corridas. (Muito bem!).

A tirania da imprensa não se

E que poder exerce esse gra-  
po malfadado? Enorme.

A imprensa pode efetivamente  
influir no governo de um  
país, constituindo aquilo que ja-  
se chamou — o quarto poder  
do Estado.

Pode tornar odioso o chefe de  
uma nação e concitar contra ele  
o desprezo, o ódio público e até  
mesmo a garrucha do assassino,  
como entre nós se evidenciou no  
atentado do Arsenal. Quem não  
se lembra dos incidentes que  
armaram o braço de Marechal  
Bispo? E, por isto, quando me  
vieram confiar que o assassino  
fora um soldado, imediatamente  
disse: — Estás enganado,  
foi um jornalista! Muito bem!

A imprensa interpõe-se entre  
o povo e o parlamento. Parla-  
mentos ou congressos não trato  
aqui de formas governamentais;  
devem ser, quando não o sejam  
compostos dos homens mais dis-  
tintos de um país, pelos seus  
conhecimentos e por suas virtus  
deuses. Pois bem! O povo não le-  
u o que os jornais querem que  
esses tenham dito. (Applausos).

Não há entre vós, sen-

sois até rapaz de apóstolo, não  
há entre vós todos, meia dúzia  
de fracos de biblioteca que no  
"Diário Oficial" vão ler o que se  
diz no Congresso, o que se le-  
ra os extratos dos jornais, exta-  
tos incompletos, calando o  
que possam contrariar a opinião  
da turba, desenvolvendo o que  
melhor lhe sabe, e não raro de-  
turpando o pensamento do orador.  
Parodiando uma célebre  
definição da arte, posso dizer  
que a eloqüencia política no  
Brasil é o Congresso visto através  
do temperamento do repór-  
ter. (Applausos).

A maioria tratada no Brasil  
querer atraí-la não é, ef-  
ficientemente, o que dela dizem as  
folhas, sistematicamente difi-  
cultando mas não vale negar a  
influencia que também sobre  
ela exerce a cunha apixonada  
dos jornaes. Conheço juizes au-  
tores, soldados da sua honradez  
pobreza, magistrados de tor-  
pes lides não pertencem a elas. Toda-  
via, esses magistrados tremem  
da infaria impresa e triste-  
mente estão descaem da sua ha-  
bitual rectitude.

Não é somente, mesmos senho-  
res, sobre o momento político —  
sobre o juiz que se exerce o po-  
der direto da imprensa: não  
há nemhum de vos que esteja  
isento dos mesmos acontecimen-  
tos (Applausos). Sobre um fun-  
cionário público pode um folha

fazer poliar suspeitas de pe-  
culato ou de auborno. O padre  
mais de uma vez se tem visto  
desacatado, nadando-se-lhe a  
reputação com ignobles pechias.  
A imprensa caluniosa já tem  
subido ao sôlo dos bispos, e ate  
mesmo ao dos Papas. Pio IX  
foi um santo, e ninguém ignora  
quanto correu mundo a torpísima  
felicão dos seus amores...  
O negociante, o industrial, o  
médico — todos, senhores, todos  
tem a sua reputação a sua  
honra à mercê dessa misteriosa  
divindade, dessa potestade que  
da e que lira mais do que a  
vida, porque a honra vale mais  
que a existencia. (Muito bem!).

Em todos pais a liberdade da  
infaria e difamação somente  
em frente do soldado. O  
jornalista atrairá o calvário  
por via de regras, pouco lhe é Bla-  
bla, mas sempre lhe chegam aos  
ouvidos um trecho de S. Paulo  
aos Coríntios: "Non sine causa  
gladietur portari" — disse o aposto-  
lo aos Gentes: "Não é abus que  
ele fala espada chita". (Risos).  
San Paulo falava do princípio  
que o jornalismo compreendia  
que todo mal é o malice, que  
é o soldado quem traz espada,  
e prudentemente se abatem de  
invertar as classes armadas.  
Resistam os vulgum pecus dos  
povos, resistam nos, senhores,  
para as suas exercícios e  
corridas. (Muito bem!).

A tirania da imprensa não se

deitem ante o blinar da lei du-  
mistro. Aqui, no Brasil, ela se

arroga o direito de invadir-lhe e  
de injuriar as esposas, as esposas  
das filhas dos adversários. Qual-  
quer que tenha sido a infelici-  
dade de incorrer na desfaçan-  
ta de um tirano da imprensa, pode

ser ferido no mais íntimo do  
coração, chasqueado, vilipendiado,  
esbofeteado pela mão invi-  
sível e incórevel do jornalismo.

Com demasiada seriedade se  
fala das antigas ucranias penais.  
O pelourinho vos o sabéis, con-  
sista numa coluna, erizada de  
síntio patente, e nela a turba

publica eram expostos os culposos.  
Quando se abatesse o últi-  
mo pelourinho, os povos bat-  
ram palmas; mas foi uma gran-  
de toller, porque ao mesmo tem-  
po se armava a imprensa. E a  
imprensa, senhores, tal como  
entre nós se entende, é pior do  
que o pelourinho antigo, porque  
nesta só se entendem os reais  
condenados, e a imprensa é o  
pelourinho sem sentença.  
(Applausos).

Lembra-me, senhores, um pa-  
bre, um miserável operário, cuja  
filha tenta sido desenhada por  
um perverso. Ele padecerá, re-  
signado, a tremenda afronta,  
mais uma coisa sobre todas: "af-  
figlia e angustiava: a lócia de ver  
nas filhas e comentava nos  
quinhões e nas tabernas a triste-  
za narrativa da sua desdita.  
Para isto me procurou acredita-  
ndo, na sua singela angustia  
que, por ser eu homem da im-  
prensa, teria intimidade em toda  
ela. Dei-lhe um cartão para  
amigos e inimigos, se me avor-  
renda que todos sumis homens  
e que se tratava de uma des-  
graça humana. Alguns colegas  
atenhiram-me outras, não Pe-  
rigava a causa da publicidade,  
se aquele fato escandaloso não  
fosse divulgado... Foi... Foi... O po-  
bre tal tomou o único partido  
convivível a sua dolorosa si-  
tuacão. As vezes vontade de morrer,  
reservava brillante poesia.  
Tomás Ribeiro, a uma pre-  
clará vitória da lucena jornalística  
a d. Pedro II. O intuito da  
nossa veridica. Ribeiro tomou  
esse alívio mortal. No dia  
imediatamente rezavam as filhas que  
ele sumiu a uma lesão car-  
cinal; mas eu sabia que o car-  
cinal só estaria de maneira de  
vergonha, de imensa dor.  
Além disso, havia, porém, um pessimo  
completo de cavalheiros devem-  
pregar... Imprensa! (Riso). Pois bem, nesse pessimal  
anomônimo é que está o nervo do  
jornal; são estes os que tudo ex-  
ploram e tudo julgam. São clá-  
quintessência da opinião no pa-  
blico. (Riso). Senhores, tal por  
via de regras, e não tanto de ex-  
cepções. Reconheço a alta capa-  
cidade intelectual, a perfeita in-  
tegridade moral de muitos co-  
legas do jornalismo, mas quando  
tendo por mestres daquele que  
por simples companheiros. Des-  
se modo, senhores, se entre vós  
algum há a quem possa incon-  
modar a verdade eu lhe peço  
que se considere em e número  
das exceções! (Riso). Abstrai-se  
e pense no vizinho! (Hilarida-  
de prolongada).

Nas redações, como auxiliares,  
como reporteres, muitas vezes  
sem categoria definida, figuram  
moços maduros ou pouco intel-  
ligentes, que não heraram termi-  
nar os seus cursos superiores,  
e que mesmo nem sempre con-  
cluíram os preparatórios; rapaz-  
es que, não tendo habilidades  
para médicos, advogados, pro-  
fessores ou engenheiros, tiveram  
coragem para a labutudo do  
comércio e o mordomo das in-  
dústrias, acharam mais comodo  
fazer-se críticos, imprensa literária,  
literários, censuristas, teatrinhos.

E durante dessas zonas, solitá-  
rios, que trocam os velhos ho-  
mems de ciências, os velhos leti-  
cetes, esse despotia, julgando  
pelo critério democristiano, dr-  
estaria as mais energicas indi-  
gnações. Se o mesmo régulo entra-  
isse no lar de vilas para des-  
vassar-lhe os segredos de famí-  
lia, certo que contra si haveria

tiraria a animadversão geral. En-  
tretanto, senhores, isto é o que  
rotuladamente faz a imprensa  
e não há quem conta ela crua  
um protesto; e, pelo contrario,  
todos a consideram guarda vi-  
gilante dos direitos do povo.

E' uma oligarquia, ja vo-  
lo democristianos, e toda oligarquia é  
trânsica. E' uma oligarquia  
exercendo poder absoluto, tre-  
mendo, incontrável; — mas  
pelo menos, será uma tirania  
inteligente?

Longo de mim, senhores, de-  
fender tiranias. Toda a minha  
vida jornalística protestava  
contra isso. Sou monarquista  
não porque tenha sido au-  
lito, pois nunca fui, quando  
facilmente o houvera po-  
dido ser. Sou monarquista, não  
porque entendo que, com a  
extinta forma de governo, mel-  
horou o seu equilíbrio as liberdades  
políticas e elas da minha pa-  
tria. Longe de mim, repito, a  
ideia de pregar tiranias. Mas, for-  
çoso é lembrar que se tem havido glos-

Compreendo, por exemplo, a  
tiranía de um Pedro I, da Rússia,  
que, no meio dos seus ex-  
cessos sanguinários, fazia na  
barbárcia Moscovia uma grande  
potência civilizada. Compreendo o  
absolutismo de um Luiz XIV,  
da França, que era no mesmo  
tempo a glória militar e a cultura  
literaria. Compreendo que du-  
rante onze anos tolerasse a  
França o despotismo do pri-  
ncipe Napoleão, pois lhe ameaçava  
as fronteiras e, triunfante, fa-  
zia passar por toda a Europa  
o glorioso estandarte tricolor...  
Mas o que eu não comprehendo  
é a tirania da imprensa, senho-  
res, e a tirania dos incompeten-  
tes. (Applausos).

Sabels como se faz um jornal?  
Um homem deseja ganhar  
dinheiro, recruta certo numero  
de colaboradores, para bater  
meca com a popularidade e a  
lentidão deles. (Riso). Mas como  
sao os colaboradores de um jornal,  
com responsabilidades pro-  
prias, e que de ordinário acas-  
servem para atrair sobre os folhas  
as simpatias dos leitores intelli-  
gentes e sérios. Além disso, tem  
que ser estatal ou que  
é um pessoal composto de cavalheiros  
devotos. (Riso). Pois bem, nesse pessimal  
anomônimo é que está o nervo do  
jornal; são estes os que tudo ex-  
ploram e tudo julgam. São clá-  
quintessência da opinião no pa-  
blico. (Riso). Senhores, tal por  
via de regras, e não tanto de ex-  
cepções. Reconheço a alta capa-  
cidade intelectual, a perfeita in-  
tegridade moral de muitos co-  
legas do jornalismo, mas quando  
tendo por mestres daquele que  
por simples companheiros. Des-  
se modo, senhores, se entre vós  
algum há a quem possa incon-  
modar a verdade eu lhe peço  
que se considere em e número  
das exceções! (Riso). Abstrai-se  
e pense no vizinho! (Hilarida-  
de prolongada).

Nas redações, como auxiliares,  
como reporteres, muitas vezes  
sem categoria definida, figuram  
moços maduros ou pouco intel-  
ligentes, que não heraram termi-  
nar os seus cursos superiores,  
e que mesmo nem sempre con-  
cluíram os preparatórios; rapaz-  
es que, não tendo habilidades  
para médicos, advogados, pro-  
fessores ou engenheiros, tiveram  
coragem para a labutudo do  
comércio e o mordomo das in-  
dústrias, acharam mais comodo  
fazer-se críticos, imprensa literária,  
literários, censuristas, teatrinhos.

E durante dessas zonas, solitá-  
rios, que trocam os velhos ho-  
mems de ciências, os velhos leti-  
cetes, esse despotia, julgando  
pelo critério democristiano, dr-  
estaria as mais energicas indi-  
gnações. Se o mesmo régulo entra-  
isse no lar de vilas para des-  
vassar-lhe os segredos de famí-  
lia, certo que contra si haveria

inimigos, que trocam os velhos ho-  
mems de ciências, os velhos leti-  
cetes, esse despotia, julgando  
pelo critério democristiano, dr-  
estaria as mais energicas indi-  
gnações. Se o mesmo régulo entra-  
isse no lar de vilas para des-  
vassar-lhe os segredos de famí-  
lia, certo que contra si haveria

inimigos, que trocam os velhos ho-  
mems de ciências, os velhos leti-  
cetes, esse despotia, julgando  
pelo critério democristiano, dr-  
estaria as mais energicas indi-  
gnações. Se o mesmo régulo entra-  
isse no lar de vilas para des-  
vassar-lhe os segredos de famí-  
lia, certo que contra si haveria

# (Conferência pronunciada em 8 de maio de 1902, no Círculo Católico da Mocidade)

sensalhoso Lafaiete, cidadão imo, para um concurso, no sítio de prudência (risos), nem ramar, senão humano; mas não ao ridículo de empunhar o canhão, acertar àquele que circundava a tempestade, ou que se comprênde o prazer de jogar a vida contra a do infante que injuriamente nos agride e calunia. Ai, porém, exmo. senhor (voltando-se para o sr. arcebispo), a nossa religião, a religião de que v. ex. é autorizado mestre, ensina-nos aos filhos, a nós os católicos, e absolutamente não pode ser esse gênero de solução.



# Aniversário da morte de Laet - A. J. CEBRIAN

Faz hoje, precisamente hoje, 7 de dezembro, quinze anos que na rua Cândido Mendes, vizinha de um ataque de uremia, desapareceu o último vulgo militante da monarquia, o último lutador verdadeiramente popular da causa católica, a dar adeus representante da cunha d'ela, entre nós.

No princípio, quando aí morava se achava ainda bem visto e no capítulo dos contemporâneos, as melhorias foram os expositores de resumo que, quando não fizesse do corpo, só o melhoreas obras daquela que, em suas raízes, deve ser sua prenúncio, a todo o monarquia nos dias das nacionais. Arancou-se, ali, a erupção de um busto considerável de conhecimento da geração que sucede. Entretanto, essas promessas não tiveram m'hor imado que não tido outras, entre nós, por excelência os nomes das explosões momentâneas.

Um recenseamento imparcial nos levará à conclusão de que a memória de Laet ficou sepultada com seu corpo. Os pouquissimos que, desfoste, devido para cá, se tecem lembranças dele, desaparecem ante a realidade do seu óbito.

Muito Leão, pelas colunas do "Jornal do Brasil", variou recordações de seu incógnito em esquecimento, há bem pouco tempo, escrachando sobre seu desredo ao exílio da imprensa brasileira, apesar de o velho, além de que suavizasse ao mundo como as obras do pai, Joaquim Serrano, com a solidinidade de quem, esquece rancor, passados, clamou, também, pelo mesmo fim, perante a cunhagem de Pedro II: Excerto: «...Bra não se cognosce numerosa de suas ralas amigas e, na tentativa de libertá-la de seu reitor, o Dr. Carvalho, que vinha empurrando a Igreja de sua paixão e espirito, é de Valéria de Morais, pensada por ele próprio em Laet, Machado e Ruy, na Faculdade de Pedagogia, o p. Fontes, em homenagem ao seu leito que fanta fala tem folha a torcer, veio-lhe repentina, em cada número da Revista de Cultura, os sabrosoissímos Mimos, que a Revista Filosófica, entre suas homenagens especiais, inclui uma para o exímio encrucialista e filólogo renovador; por mais de dois anos, a revista Euclides, presidida e publicação dirigida por Simões dos Reis, reservava páginas e páginas ao estudo da linguagem de Laet; há pouco, desportava-lhe Elói Pontes o imbecilizado cébido... De associações, com seu nome, nada se fala; conferências, a seu respeito, de raro em raro, e pode dizer-se que Laet vive, paracmoniosamente, para a filologia, quando os filólogos não desencabem o que de mais genuino na matéria se resguarda na preciosidade nominal de seus escritos.

Os outros, todos os outros, se esqueceram de Laet. Esqueceu-o a Academia, reduto das mais bem engrenadas frontes da literatura nacional, ela, que o tinha consagrado imortal; esqueceu-o o catolicismo, pelo qual tanto havia batallado nas lutas pelo seu Império fornecendo o melhor de seu talento, a nata de sua formidável capacidade intelectual.

Não outras, são causas de tanto a nossa preguica mental para os trabalhos de muita paciencia, e o indiferentismo que vintemos aos nossos talentos de Jato. Laet passou para a posteridade como um simples "mata-dor de touros", expressão do Assis Chateaubriand, dito depois de sua morte. Entrelaçou, ele, tal, antes de tudo escritor convicto das suas mesmas op-

niões, independente e justo, ninguém o viu jamais pinhar o milho no saquinho do elogio múltuo, não colocou nunca interesses materiais acima de suas firmes convicções, não se contagiou do maladuado devotismo literário. Taisvez seja esta a principal característica da obra célebre de Laet, e a que lhe acentrou tantos desafetos.

Fruto natural da mediocridade, o devotismo literário embreia, megáficas foram as expulsões e de resumo que, quando não fizesse do corpo, só o melhoreas obras daquela que, em suas raízes, deve ser sua prenúncio, a todo o monarquia nos dias das nacionais. Arancou-se, ali, a erupção de um busto considerável de conhecimento da geração que sucede. Entretanto, essas promessas não tiveram m'hor imado que não tido outras, entre nós, por excelência os nomes das explosões momentâneas.

Um recenseamento imparcial nos levará à conclusão de que a memória de Laet ficou sepultada com seu corpo. Os pouquissimos que, desfoste, devido para cá, se tecem lembranças dele, desaparecem ante a realidade do seu óbito.

Muito Leão, pelas colunas do "Jornal do Brasil", variou recordações de seu incógnito em esquecimento, há bem pouco tempo, escrachando sobre seu desredo ao exílio da imprensa brasileira, apesar de o velho, além de que suavizasse ao mundo como as obras do pai, Joaquim Serrano, com a solidinidade de quem, esquece rancor, passados, clamou, também, pelo mesmo fim, perante a cunhagem de Pedro II: Excerto:

«...Bra não se cognosce numerosa de suas ralas amigas e, na tentativa de libertá-la de seu reitor, o Dr. Carvalho, que vinha empurrando a Igreja de sua paixão e espirito, é de Valéria de Morais, pensada por ele próprio em Laet, Machado e Ruy, na Faculdade de Pedagogia, o p. Fontes, em homenagem ao seu leito que fanta fala tem folha a torcer, veio-lhe repentina, em cada número da Revista de Cultura, os sabrosoissímos Mimos, que a Revista Filosófica, entre suas homenagens especiais, inclui uma para o exímio encrucialista e filólogo renovador; por mais de dois anos, a revista Euclides, presidida e publicação dirigida por Simões dos Reis, reservava páginas e páginas ao estudo da linguagem de Laet; há pouco, desportava-lhe Elói Pontes o imbecilizado cébido... De associações, com seu nome, nada se fala; conferências, a seu respeito, de raro em raro, e pode dizer-se que Laet vive, paracmoniosamente, para a filologia, quando os filólogos não desencabem o que de mais genuino na matéria se resguarda na preciosidade nominal de seus escritos.

Foi o que, em sua vida, fez Laet, combater o devotismo literário, tanto no mesmo tempo topo e fundador, des adante e inacreditavel, voraz e perniciosa, egóistica e prudista. Semelhante a ferreiro athena, as suas armas eram para colher frutos que sonhantes lhe sirviam a seu prazer, tem o arrojo de caitivá-lo das almas grandes, por isso prende, submete, escraviza, subjuga, verga, e com os afeiçoados cumpre-se em sua penitência, a palavra do salmista, quando disse que tem olhos, mas não vêem, tem curvidas, mas não ouvem, tem pes que não andam. Por que sua vista era crava irremedavelmente no altar para que estão sempre caminhando, ao som do mesmo chamarão que os evora. Eles, só a eles e devo o usurpou da sacrossanta companhia, sacerdotes, só a eles cabe turilizar nos ritos, cerimônia da junta que age sempre e não evopera-nça nunca.

Por tudo isso chamam-no demolidor, e só por esse aspecto o conhecem os aguas de barreira das nossas lettras. No entanto, encontrava-se sempre em todos os setores que comporia a civilização humana. Foi engenheiro, e as ciências exatas tiraram cab'da em seu possante cérebro; tratou de matemática, apreciou livros de estrada, polemizou sobre seu ensino, converteu a física e a química, em-

prestou-se no cosmos, e trouxe de volta com astrônomas acerca da origem dos mundos, crítico literário, semanalmente apreciava os obras, qualquer que fosse a natureza; se de valor, não lhe faltava com elogios, mas pronunciava sempre a corrigir erros, emendar conceitos mal formulados; se, no contrário, produzia de mediocridade, levantava o peso, varia e, com pulsos de aço, vibrava-o com piedade, nem deixa de lhe dando de que a sua massa nome circulada ou no epistolário. Quantas vezes veio Laet alocar festejos, públicos ou literaria de chocolatearia Januá, pronto para defender um obraço de estreita.



Carlos de Laet, num retrato da infância

bebê-se no cosmos, e trouxe de volta com astrônomas acerca da origem dos mundos, crítico literário, semanalmente apreciava os obras, qualquer que fosse a natureza; se de valor, não lhe faltava com elogios, mas pronunciava sempre a corrigir erros, emendar conceitos mal formulados; se, no contrário, produzia de mediocridade, levantava o peso, varia e, com pulsos de aço, vibrava-o com piedade, nem deixa de lhe dando de que a sua massa nome circulada ou no epistolário. Quantas vezes veio Laet alocar festejos, públicos ou literaria de chocolatearia Januá, pronto para defender um obraço de estreita.

Não ficou nisso. Laet é um caldeirão paralelo dos sucessos sociais do tempo, joga criticas, teatral, reg. ton de felas da claque, p. ou, cada ano, a torcida era, a Penha, e os deslumbrantes da Glória, enalteu uma rúe que se nublava, casas que se inquinavam, pormenorizou as cenas caçanavais, relatou os jogos políticos de todo o clima, quartelão da monarquia e primeiro da república, desfeitos e maldades de uma e outra, sinceras, desvolumbradamente, com nomes para comprovar e dadas para confirmarem, Crílico de arte, a pintura e a escultura ocuparam-lhe pelo menos trinta anos de sua jornalística.

A quem dos que mais o fizeram, não fica sua obra de poesia, já é era, em minimo, e deslumbrante, seu mérito, que não passou de perecível aos cervos. Páginas de ficção são outras tantas lauradas que só por si lhe trariam mortal ande, se a fortuna lhe d. esse rasgarimento em talis que menos depressa esquecesse a ob. de seus filhos. Quem c. ta a obra de Laet, nota, para logo, que três se. tam os patudos por que via militares pelo resto de seus dias; a religião, a lingua e a monarquia. Mas três foi intranqüila e avaria. Do princípio ao fim de sua vida, amou devotamente o R. Belo, seu cidadão de Uruguaiana, que traba havia com o mother clássico português, defendeu e pregou a religião.

Pela monarquia, perdeu empergo ganho com seu saber e capacidade, eis.ou-e das amizades que se bandearam para a república, e quase foi assassinado; pe. religião, indisponível, eis com quantos polemiciou; protestante, espirituoso, maçons, pol. simpatizantes, etc., e parece incrivel, tampono zelo o lecou ate a diaxia com sacerdotes, na defesa da religião de que eram legítimos representantes. O mais se completou na poéticas filológicas e literárias, pois seu ouvido não tolerava o que desclassasse, pouco acho que fosse, de rdo português, e repudiava o que não dissesse bem com os entendo modernos adiantamentos da linguística.

Tudo isso, e muito mais, com estilos pessoais imo, seu, todo seu, inconfundivelmente azul, sardônico, mordaz, ferino, aguinhante, mordente, suaveissimo, prenhe de respostas eruditas, res, simplicissimo, o de Machado, rico etc.; a Ruy, com os excessos deles e a pobreza daquela. Articulada da palavra, joi um Bernardo na propriedade da ep. pressão e um Camilo no arrependimento das ditinhas populares, sozinho-sz de latim e português, como iota, as criancas vulgariz.

O poucos que, na verdade, o conhecem dão razão a estes dizeres: publicam-se suas obras, leia-as de todos — "consensu omnium".

## Carlos de Laet aos seus amigos

Ainda sob a impressão das manifestações que generosamente me foram feitas por ocasião do meu 80º aniversário natalício, venho, por este meio, agradecer a todos e a cada um a parte que nelas tiveram.

Ao Sumo Pontífice Pio XI, que se dignou enviar-me a sua benção apostólica; ao Exmo e Revmo. Núncio Apostólico, que com sua presença honrou a sessão noturna; no Emblematissimo Cardial D. Joaquim Arcos, que se fez representar por Monsenhor Fernando Rangel; ao Exmo. e Revmo. Arcebispo D. Aquino Correa, que celebrou a missa gratulatória; nos demais srs. Membros do Episcopado Nacional, que, em pessoalmente, ou em cartas e telegramas, me enviaram suas bençãos; ao Exmo. ar. Vigário Geral Monsenhor Costa Rego; ao Exmo. e Revmo. Archibispode de São Bento e aos Revmos. representantes de ordens religiosas, quais a Companhia de Jesus, a Congregação da Missão, Redentoristas, Franciscanos, Irmãos Maristas, e outras; aos Revmos. Vigários e mais sacerdotes do clero secular, que vão de protestos da minha mais entranhada gratidão.

Também a torno extensiva no Exmo. sr. Presidente da República, que se fez representar no ato religioso pelo distinto chefe do Estado Maior da Presidência, coronel Teixeira de Freitas; ao Exmo. sr. ministro do Interior, representado na sessão noturna pelo seu ajudante de ordens capitão Polonia, e bem assim a Escola Politécnica, Faculdade de Direito, Clube de Encenharia, Academia de Letras, Colégio Pe. dr. II, Várias corporações de cunho, as quais todas acorreram a confortar-me com o seu carinho.

Como não guardar em meu coração as palavras afetuosa que me dirigiram os brilhantes oradores da festa: o venerando dr. Felício dos Santos, o Rev. padre Petônio Macêdo, srta. Junqueira Schmidt, dr. Alcides Delamare, dr. Baltazar da Silveira, dr. Gustavo Barroso e o esperançoso estudante Paula Fonseca? A frente desses, e dirigindo, com sacrifício de saudade, toda a festividade, cumpre mencionar o meu querido amigo e antigo companheiro de luta, ar. conde de Afonso Celso.

Inqualificáveis me cativou a cooperação dos ilustres cavaleiros que constituíram a comissão organizadora da festa, e bem assim o encanto artístico que lhe comunicou o talento das Famas, sras. Maria de Lourdes Balthazar da Silveira, Ida Queiroz Santos e Juliette Soares de Menezes, e do meu amado tenente do Exército dr. José de Arruda Vallim.

Já pessoalmente na Academia de Letras e por meu representante, na Associação da Imprensa exprimi os meus agradecimentos pelo muito que imediatamente recebi dessas preclaras agraciárdas, na última das quais com excesso de benevolência a mim se referiu o Ilustrado sacerdote dr. Olympio de Castro.

Em diversos jornais desta capital ouvi ler notícias e referências que muito me honraram. A confraternidade jornalística não é coisa comum, e por muito tempo me considero com a simpatia dos ilustres confrades.

Os mais apertados abraços eu os ressalto ao sr. dr. José Thomaz de Mondonova e consócio do Círculo Católico.

Logo que o permita o meu estado de saúde, viré gradualmente cumprindo o dever das visitas e agradecimentos diretos. Sinto, porém, que por mais tempo não devia permanecer alegre.

**LOUVOR A LAET** — (Techo de artigo)

COELHO NETO

Foi e é um apóstolo e foi à sua doutrina, embora visse o seu templo destruído, dedicar assentado nas ruínas diante dos escombros do altar em que tivera o seu culto. Essa irreversibilidade, comparável a dos cristãos no tempo em que se morria pela Fé, tornou-o, entre nós, um verdadeiro símbolo.

Ele é bem o passado com a sua cultura profunda, com o seu respeito à tradição, com a sua moral austera, com a sua resistente incisividade de era que se agarra endiante às ruínas sustentando-as para que se se espalhe.

Homens de tal tempera resistem a todos os embates, como os lóbulos rochosos, perdidos no oceano, não se morem di fronte dos escarves perigosos — eis seu como certeza de impou, a fibra viva que perdura ainda quando o cortez se esvanisse e se descole do tronco por apodrecimento.

Felizes os que chegam à tarda da vida com a mesma alegria, com a mesma saudade espiritual e a mesma força de ânimo com que nela empenhou. Quanto logram tal ventura! raros e estes são os privilegiados de Deus e quando deixam o que nos lega Carlos de Laet, em obras e discípulos, tornam-se benemeritos da Pátria.

A apoteose que lhe vai ser feita é, de todo o ponto, justa e mais bela seria se a lá condecorasse as crianças das escolas e a mocidade das academias porque, em verdade, o que se vai celebrar em tal dia é a glória de um educador exemplar e de um patriota estrewno.



Edifício do Internato Pedro II. Ali, durante anos, exerceu Carlos de Laet as atividades de professor e diretor.



# VERBETES — Carlos de Laet

Para desenfado e nenhum proveito dos lexicógrafos acadêmicos

A. B. C. — Livrinho para ensinar a ler. Jornal científico que mexe comigo, só porque continuo a fazer votos pela dureza secular do meu colega Conde de Agrolongo.

**Adamastor** — Gigante inventado pelo grande Camões e que tinha o mau costume de fazer caretos e proferir discursos avassados. Nome dado a alguns navios de guerra lusitanos. O último aqui veio saudar a nossa fealdade republicana e d'embarracou uma pequena torre que, mal compreendida, sofreu cegostos na vanguarda. Felizmente, isto não alterou as relações de sincera amizade entre bons portugueses e brasileiros senatos.

**Almoço** — Refeição especialmente destinada à glorificação de homens ilustres ou que pretendiam ser. A importância intelectual e moral dos festejados calcula-se então pelo número dos talheres ou pela excentricidade das iguarias. Assim é que no "Jornal do Comércio" o valor de um eminente funcionário foi apreciado em 300 talheres.

**Bernardo** — Nome próprio do cão que tirou o patronímico Bernardos. A malícia leiga, iniciata dos eruditos fradinhos bernardos, criou com espírito de zombaria o vocábulo bernardos para designar deslizes ou disparate. De Portugal também es veio o termo bernardas para designar revoltas de pequeno valentão, mas que, às vezes, indefinidamente se procastinam.

**Burro** — Epíteto com que nos qualificamos, uns aos outros, quando temos opiniões divergentes, ou quando alguém ignora o que julgamos saber.

**Câmbio** — Coisa que se acertava movel como a coluna termonétrica que marca as instâncias oscilantes do calor no ambiente. Parece, porém, que vai ficar fixa ao menos por algum tempo.

**Camelo** — Ruminante sem cornos, o que já desapareceu de vista deste animal. Tem quatro estômagos e pode por isto ser considerado como o tipo natural e sugestivo de certos filhotes pouco inteligentes e com quatro estômagos.

**Caráter** — Conjunto de qualidades morais, cujo nível, lobrigado muito de cima, parece estar descendo. Entre várias opções sobre as causas do fenômeno não se deve rejeitar a das quais que atribuem o fato ao pavor incitado pela compreensão do pensamento nacional bem como à desmoralização do mérito desprotegido e constantemente sacrificado ao iluminismo. Salvo heróicas exceções, não pode mostrar caráter um povo atemorizado e que só no patronato enxerga meios de ascender na escala social.

**Carnaval** — Enorme pândega enriquecida durante a qual são passadas pelas ruas algumas senhoras defendidas pelo dr. Jacarandá, e, em voz alta, se cantam trovas populares picantíssimas. Propõe-se que isto vai ser oficializado.

**Cego** — Infeliz privado de prelado que resignava a sua ju-

vata. Também se aplica, por abuso, nos que veem pouco. No último concurso para o provimento dos lugares de professor de desenho no Colégio Pedro II, apareceu o recurso de um candidato, que, quando interrogado, respondeu: "Paulo Freire, que alegrou não poder eu Juçá-lo, por ser cego..."

Enganou-se de ois terços. A distância de 15 passos, postos de par o mesmo cavalheiro e outro manifester de maior vulto, ainda perfeitamente logrou velos e distinguir entre os dois. Não é culpa minha, se para demonstrar o recurso Paulo Freire se foi colocar no escuro e a maior distância.

**Censura** — Crítica: austera, anônima e oficial do pensamento alheio (se isto for cortado, será mais uma prova do que digo).

**Desembargador** — Juiz da Corte de Apelação. Pois bem, contudo, nunca ter sido, nem haver de ser juiz. Basta que possuam saber notório e vibrante excessas a sabor dos Governos devidamente autorizados pelo Congresso.

**Desfalque** — Incidente muito comum nas reparticipações fiscais e casas de negócios. Antigamente, apurado o crime, padeciam os réus severíssimas penas, alias inutilmente conservadas nas listas atuais.

**Tempora mutantur.**

**Emergência** — (Vide Estado de Sítio).

**Estado de Sítio** — (Vide Emergência).

**Inquérito** — Devassa para se apurar qualquer delito escandaloso. No louvável intuito de se evitarem punições desagradáveis, os resultados dos inquéritos podem permanecer secretos, a bem da ordem, até segundo a ordem.

**Interno** — Diz-se do imprensa que substituiu o exterior durante vários anos, podendo por isso turrar acumulacões e outros provenientes que por lei são vedados aos efetivos.

**Irrevogável** — Adjetivo habitualmente empregado, quando alguém anuncia a sua resolução de abandonar um cargo por julgá-lo incompatível com os seus princípios. Depois revogase o irrevogável.

**Juvenil** — Qualificativo estragado pelo uso popular. Há vocabulários primitivamente ignorantes e que depois se significam e exaltam. A semântica cita como exemplo a palavra Sublime. Outras vezes sucede o contrário. Juvenil, que outrora apenas envolvia uma referência à mocidade, hoje em dia tomou acepção ridícula e depreciosa. Siria curioso estudar a degradação deste significado.

**Kágado** — Conhecido quilitano, cujo nome os ars. Silva Ramon e Mario Barreto porfiram em escrever com a letra e, fazendo questão do acento. Entre nós, no quadrilíngue, fez bastantes vítimas, mas unicamente porque o soro imunizante, por desculda muito natural perdera a sua eficácia durante a ausência do chefe supremo da Saúde Pública.

**Zé Pavinho** — Designação vulgar o populacho que nunca a toma como irrissória, contentando-se de pagar impostos e fingir que vota. Há exemplos de reivindicações populares, em verdade temerosas; mas de ordinário unicamente servem para justificar tiranias subsequentes e inculcadas como defensas da ordem. Os povos judicados estudam os fatos, pacientes lhes preparam o remédio e acima da violência colorem a propaganda. Patience et longueur de temps font plus que force ni que rage.

**Resignatário** — Dizia-se do

# JOSE' DE ANCHIETA — CARLOS DE LAET

José de Anchieta veio ao mundo, como não ignorámos, na cidade de Laguna, antiga capital do arquipélago das Canárias, situada na ilha de Tenerife, onde se eleva o famoso pico de Teide.

Nascido no dia de São José, aos 19 de março de 1534, exactamente o aniversário que D. João III completava no seu nascimento, o frade deu o nome de José ao seu projeto de povoamento do Brasil, segundo o plano das capitâncias hereditárias. Anchieta foi recebido pelos Jesuítas, na sua casa de Colónia, no dia 1 de maio de 1551. Comeu extraordinária para os nossos tempos!

O português de uníão não fazia, aliás, a menor diferença entre religião e crenças e estimação geral. O novo filho de São Ignácio foi tão bem recebido como se tivesse visto a princípio luz em terras de Portugal; e o provincial Simão Rodrigues não opôs o menor embaraço a que se misturasse com os outros religiosos vizinhos o jovem Anchieta trabalhar no Brasil, quando para cá foi despachado Domitio da Costa, segundo governador.

Senhores, sei que falo a pessoas nessas lidas na história pátria para que julgue necessário, já não direi uma narracão desenvolvida, porque esta demandaria longas horas, mas um esboço seguir dos trabalhos de Anchieta em nosso país. Ele foi visto onde quer que o exigissem os interesses da religião do nascente Brasil. Catequizou e selvaginou e, pela palavra e com o exemplo, sancou a moralidade dos primeiros habitadores. Foi o elo de paz, foi o elo da aliança entre o colono Ávila, lascivo, deshonesto e o selvático suspirioso, traíçoeiro e feroz.

Este frade estrangeiro, tendo conhecido o seu serviço de catequese de Bala, passou-se à capitania de S. Vicente, onde, a 25 de janeiro de 1554 se dizia, em uma paupérrima e estreitíssima casinha a missa comemorativa da conversão de São Paulo. Pôs este o berço do colégio, da cidade e da capitania de São Paulo, depois província, hoje Estado do mesmo nome, e, certamente, uma das regiões mais prósperas do nosso Brasil.

De como ai viviam Anchieta e outros frades estrangeiros dão testemunho as memórias coetâneas. Um encravado feito de pau e barro, coberto de sapé, servia ao mesmo tempo de escola, de enfermaria, de refeitório, de cozinha e de despensa.

Em poucas e singelas palavras, não dirigidas à posteridade, à qual decretou, jamais imaginou que logo grassem chegar, Anchieta nos dâ

uma idéia de tamanhas pendências.

"Em tais extremidades nos achamos em verdade colocados (respondeu ele) que é muitas vezes necessário aos irmãos explicarem a língua de gramática no campo; e como ordinariamente o frio nos incomoda da parte de fora, e dentro de casa o fumo, preferimos soltar o incenso do fogo de fora do que o fumo de dentro". Que opulenta, senhores, a desses religiosos extrangeiros!

E como a toleravam? Longe de com tal pauperie amparar-se, distinguiu-se Anchieta: "Não invejantes os espeços apontados de que em outras partes gozam os nossos irmãos, pois Nosso Senhor Jesus Cristo se coloucou em mais estreito lugar e dignou-se nascer em pobre mendiga, entre dois brutos animais, e morrer em altíssima cruz por nós". (Carta Inserida nos "Annales da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro", Vol. I).

Acrecia a pobreza o excesso de trabalho: "Muitas vezes, conta o missionário, para acudir a batizar ou confessar um escravo de um português, se andam seis ou sete léguas a pé, e às vezes sem comer..." (Informações e Fragmentos históricos do padre José de Anchieta, Rio, 1886, pag. 20).

Não há quem não tenha ouvido falar na confederação dos tempos fato importantíssimo da nossa quadra colonial, e do qual fez uma epopeia o gênio de Gonçalves de Magalhães: visconde de Araguaria, Amorim, visconde de Araguaria, que tentavam estabelecer-se nessa nova terra de Guanabara, coligaram-se os Tamanduás, conciliados, pela habilidade do recente invasor, os indigenas constituíram um perigo formidável para os portugueses. De uma e de outra parte faziam-se temeriores aprestos. O sangue humano ia correr a jorrar. Ora, foi nestas conjunturas que o frade estrangeiro José de Anchieta se ofereceu para desarmar com a palavra o inimigo ofensivo e vingativo. Soulyhe, o historiador insuspeito, porque era protestante, opina que "de mais praga embalizada nunca ninguém se encarregara".

Anchieta partiu em um navio do genovês Francisco Adorno. Veleja para Ubatuba que naquele tempo se dizia Ipero. Quando o barco se aproximava da costa, estava a bordo de gente feroces embreaveida... Parcia um "meeting" (Riso). Tomaram os índios canoas e dispuseram-se a agredir o navio de Anchieta. O frade estrangeiro aparta-se dos aços e apresenta-se nuinho. Como arma única

eleva bem alto o Crucifixo, a imagem do sacrifício resignado, ensinando aos homens todos as reparações no sacrifício. Diante desse homem, tão avesso em sua fragorosa corporeza, hediam as coleiras mais impunitas. Contente-se em ouvi-lo, o que lá era uma vitória para a causa da lei natural. Cuivrei-nos. Celebra-se o armistício. Confido na lealdade daqueles filhos da natureza, o padre deixou levá-la por eles, e entre elas permanece como refém. Tamanha coragem subjuga, conquista a admiração dos bravos; tamanha docura angaria a afetivação dos mais desconfiados. Celebra-se finalmente o pacto... Estava farta da maioria das novas invasões, estava salva a incipiente América Portuguesa. Para lá fui, em nosso destino trazendo mandado um diplomata, o pior sinal, um genial com ars soldados — e o rangue houvera corrido. Enviou mandou-se um religioso e tudo se pacificou. Confessai, senhores, que este frade estrangeiro não pôde ter pena cau-va de Portugal e de Irmãos! (Applausos).

Não foi tudo. Quem hoje passa pela praia de Santa Linda vê um edifício notável, o Hospital da Santa Casa da Misericórdia. Quais os primórdios da instituição que hoje ali tem o seu principal establecimento, nos refúgios no seu "Santuário Mariano". Frei Agostinho de Santa Maria, São poucas linhas, permiti que vo-las cite: — "Pelos anos de 1552 (dia o cronista) se entende teve princípio a Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, ou poucos anos anteriores, porque neste ano chegou àquele porto uma armada de Castilla, de que era general Diogo Flores Baldez.

Com os temporais pacificou esta armada muito, porque lhe atropeleu muita gente. Achaiva-se naquele reduto o venerável padre José de Anchieta, visitando o colégio que ali teve a companhia, fundado no ano de 1567. E como o venerável padre José de Anchieta era varão santo, levado da caridade, tomou muito por sua conta a cura e o remedio de todos aqueles enfermos, donde iraça como se lhe assimasse uma rã, em que pudesse ser curados todos e assistidos — entendendo muitos que entrou triste no dia da Santa Casa da Misericórdia, que hoje é nobilíssima". (Op. cit. vol. X).

Em Iririá, que depois foi Benfeiteiro e hoje tem o nome de Anchieta, faleceu este religioso estrangeiro a 9 de junho de 1597. ("Páginas Excelhadas", v. 1).



Carlos de Laet. Extracto da revista. (Encontra-se no volume 7.º dos "Discursos Acadêmicos")

# CARLOS DE LAET - NÚMERO DE CAMPOS ESPIGAS HISTÓRICAS

A 30 de novembro de 1872, reunidos os professores, alunos e convidados, na antiga Escola Central, hoje Escola Politécnica, e presente Sua Majestade o Imperador, começou o secretário do estabelecimento a chamada dos novos engenheiros, para entrega dos diplomas. A turma era pequena, e, entre os demais, o funcionário p. oclamou:

— Carlos Maximiliano Pimenta... Malagueta de Laet!

Ao ouvir esse nome tão original, fabricando pela perfídia do cravado, o soberano voltou-se. Os presentes sorriram, vingando o falso. Ironicamente, que se exibiu da mesa um moço de pequena estatura, sorriso de ironia no canto do lábio, organizado pelos vizinhos e cinco anos, e que havia sido, na vigência do curto, o terror dos colegas e a implacável palmatória dos mestres.

Antigo aluno do Pedro II, onde tivera como companheiro de banco e de banca o saudoso Rodrigues Alves, Carlos de Laet havia sido, ao lado deste, o melhor estudante do seu tempo. Espirituoso e, verbalmente, perverso, tornara-se a espada lendária suspensa por um fio sobre a cabeça dos lentes; tais eram, porém, as suas qualidades de estudioso, a paixão, a sede, a fome com que se consagrava aos livros, que lhe não foram recusados o título de primeiro aluno da turma, e, mais tarde, na Central, entre louvores, uma honrosa carta de engenheiro civil.

De posse do canudo, Laet despediu-se dos professores.

— Onde vai exercer a sua profissão? — indagou um deles.

— Eu?

E ergundo a mão para o teto:

— Vou levantar castelos... nas nuvens!

Esse programa, que parecia uma piñheira, tem sido, por uma ironia do Destino, perfeita realidade. Escritor brilhantíssimo e polemista vigorosa, poderia ter sido, no Império, deputado, senador, ministro, conselheiro de Estado. Admirado pelo Imperador, que lhe reservava uma cadeira a seu lado nas palestras semanais, possuía, no Foco, um prestígio incontestável. Ao lado, porém, do engenheiro, que construia, havia nele, sempre, o satírico, que demolha. A sua franqueza ironica era o seu mal. As vezes, Pedro II lhe ia um soneto, ou uma tradução de Homem ou de Virgílio. Ao terminar, multiplicavam-se os elogios, os aplausos, as palavras de admiração. Um homem apenas, no meio de tudo isso, permanecia em silêncio, um sorriso misterioso ao canto da boca.

— E o senhor, que diz, doutor Laet? — indagava o soberano, com a sua vozinha fáhnosa.

O moço engenheiro, já professor de português do Colégio Pedro II, voltava-se para o monarca, e escandalizava o auditório:

— Muito bem! — disse.

E, logo, em seguida:

— Mas Vossa Majestade pode fazer melhor!

Após essa observação, fazia Carlos de Laet uma infinitade de outras, cada qual mais perscruta, ao ouvido dos outros conviventes.

Imagine — soprava ele a Franklin Doria, — imagine que seria deste país se, em vez de termos no governo o imperador Pedro II, tivessemos o poeta Pedro de Alcântara?

Perino e Impiedoso, não pouava a ninguém.

— Laet — dizia o visconde de Ouro Preto, recordando o famoso senhor de Vieira, — é como a piranha.

E diagnosticava:

— Morre pelo dentel!

A volúpia da ironia, que era nele quase genial, constituiu, realmente, e constituiu sempre, o maior inimigo da sua prosper-

ridade política. Adorando a boapilharia, o dito malicioso, a expressão caricatural, preferia sacrificar um emprego, uma cadeira de ministro, e o próprio trono se lho dessem, a privar-se do prazer, diabolicamente encantador, de fazer a perfídia. E como havia sido, por mais de uma vez, atingido pelas netas desse Juvenal maravilhoso, o Imperador fazia o possível para impedir o surto político do jorunalista, admirando, embora, vivamente, os múltiplos talentos do escritor.

A atuação de Carlos de Laet na "Tribuna Liberal", em que leu à pa. ede, várias vezes, o gênio de Ruy Barbosa, chegou, porém, a impô-lo da tal forma no seu partido, que este o apresentou deputado, na mesma legislatura, por duas províncias. Eleito por uma e outra, lhe optaram para assumir o mandato que ruiu um dos castelos do engenheiro: proclamou-se a República, batalha, nas vésperas exatamente das posse do novo legislador, ficando o grande jornalista liberal, de novo, a olhar o arco-sobre o qual edificara seu prvelito. Informado da queda do regime, Laet, que não ignorava as prevenções do Imperador, sorriu, com ironia.

— Que homem rancoroso! — exclamou.

E definindo o seu pensamento:

— Preferiu sacrificar o trono, proclamando a República, ressentiu que eu penetrasse na Câmara...

Com a nova forma de governo e o advento de uma avalanche política pouco espiritual, e ainda menos espirituosa, recolheu-se Laet ao magistério, lecionando a sua cadeira de português no Pedro II, mantendo, entretanto, contacto com o público por intermédio do seu "Microcosmo", famosa serção nascida no "Jornal do Comércio" e transportada, mais tarde, para o "Jornal do Brasil". Floriano não gostou, porém, de certa piñheira do sebastião, irreverente, e mandou prendê-lo. Laet fugiu para Minas, como tantos homens de letras não compreendidos pelo ditador. Floriano fez publicar editorial, intimando-o a assumir o exercício da sua cadeira. O professor ficou nos domínios de Cesário Alvim, foi demitido "por abandono de emprego", escrevendo um livro sobre as cidades que visitara, e, quando do restabelecimento a ordem régia, voltou ao Rio, foi para ser reintegrado, recebendo, então, cerca de cem contos de réis, de vencimentos atrasados.

— Floriano, — disse ele, então, — foi o meu grande benfeitor: mandou-me para Minas, cuidar da saúde, ensinando-me, ainda, a virtude da economia.

E com a sua unção de católico:

— O Diabo o conserve no Inferno... sob estado de siúto! Conformado com o regime, e restabelecida a sua situação no magistério, voltou à atividade literária, tornando-se o mais temível dos polemistas brasileiros. Senhor de uma cultura variada e profunda, entreteve discussões tremendas com quase todos os escritores do seu tempo. Autor do "Cântico dos Cânticos", h. l. de versos anacrônicos, publicado na mocidade, meteu-o no bolso e encarou, desassombroado, os mais terríveis adversários. E não houve um só, nas lettras como na política, incluindo mestre Ruy, que não salasse, de carreiras, em busca do vinho de Ferrabaz, para curar, com elas, as feridas profundas abertas pela espada de Oliveira.

Fundador da Academia, não poupa, jamais, os colegas. Certo dia, apresentou, ali, um projeto, autorizando a entrada das mulheres para o quadro dos "imortais". Combatida a idéia, sob o pretexto de que não havia cadeiras vagas, saiu a defendê-las.

— O meu nobre colega labora

em erro, — disse. — E' porque não há cadeiras vagas que eu proponho, agora, a entrada das mulheres, não dos homens.

E com g.avidade:

— As mulheres tem uma vantagem: entram com as "cadas"!

Por ocasião do concurso de poesia que tanta celeuma levantou nos meios literários, em que foram premiadas duas poesias, foi proposta a anulação do certame, sob o pretexto de serem conhecidas, já, os nomes dos concorrentes. Ala-mado e com essa idéia, Carlos de Laet chamou em particular o autor do

— Não faça isso. Para nos, é serio pior.

E abrindo os braços:

— Como é que nós, juizes de uma causa em que figuram senhoras, vamos decidir, em público, que não pudemos julgar por conhecermos as "partes"?

As suas definições políticas não são menos encantadoras, nem menos perigosas. Toda a gente sabe o que é, no Brasil, o problema da sucessão presidencial. Dois anos antes da terminação do mandato de um presidente, já se briga pela escolha do seu sucessor. Comentando essa levadânia dos políticos, sentenciou Laet, e certa vez com a sua felicidade habitual:

— A República é uma besta que põe de quatro em quatro anos, e leva dois anos com as dores do parto.

Entendidíssimo em teologia, recebeu do Vaticano o título de Conde. E ninguém o possui, hoje, tão merecidamente. Apesar da sua didade, ninguém neste país, caráter mais integral, coração mais puro, caráter mais reto, mais nobre, mais alto.

— O Laet é São Francisco de Sales, que vestiu a pele do Demônio para poder visitar o mundo! — afirma, uma vez Cesário Neto, ao ouvido de Afrânio Peixoto.

E é assim mesmo. Afastam os espinhos que formam, aparentemente, aquela moita fervilhante de vespas, e encontram, dentro, um rosal, em que cada belha guarda, por trás do ferião, a douada gota de mel...

## CARLOS DE LAET NA OPINIÃO DE VIRIATO CORREIA

A despeito da ardor religioso, do qual catolicismo badalante e até mesmo agressivo que conservou até morrer, Laet teve, como ninguém neste país, um gosto e um jeito infinitos para ser estalajadeiro do diabo. No bico de sua pena viviam regaladamente não só as entidades gaúchas como as divindades infernais: os Ariels, os Arlequins, os sacis-pererás, os Malacarates, os Mefistófeles, os Balzebús.

Não se registra nas lettras nacionais escritor mais malicioso. Ao mesmo tempo, porém não se encontra em páginas brasileiras delite maior que o fino deleite do seu estúdio e do seu humorismo — estilo harmonioso, translúcido, volátil, ático na simplicidade e clássico na limpeza vernácula — humorismo de juvenilidade e de estudantuna, de vestimenta fidalga e de assobios de Gavroche, que pulia aqui, catuca ali, piparoteia acolá; humorismo que beliscava, que mordia, que alfinhava, que farroa, que cintila, que esfuria.

(Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras. "Revista da Academia". Vol. 53).

Era feio; mesmo horrendo... Mas que talento não tinha! Quem o ouvisse discorrendo jamais o riso continha! Apesar da epigramática, ouvia incômodo, flaco, pois se tornara simpático ao bom rei da Libia, Creso, que o amava e protegia, por causa do seu talento, e porque ele fazia seu maior divertimento.

Conhecendo a perspicácia do meu leitor, eu me poupo no trabalho, e mesmo a audácia, da dizer que este "ele" é Espo. Mas o mau fado inclemente, com que o mundo vai raro, fez de Espo, um padecente, um mártir.

Ora era o caso: Ciro, o Grande, se prestava contra Creso, o rei faustoso, a quem há muito voltara ódio tenaz, rancoroso. Previu já que em Timbreira cairia do poder. tem Creso a idéia de ouvir conselhos o oráculo.

Foi Espo despachando para Delos, em mensagem; porem id, tendo irritado o povo pela linguagem franca, livre e audaciosa, de que abusava sem medo, sofreu morte pavorosa, atacado de um rochedo.

Espo, em mortal ajejo, disse expirando: — C. de L. — o que significa em grego: "Minha alma busca outra Pele..."

Ora, andou de Espo errante pelo mundo a alma em cancreta, a buscar de instante a instantâneo, outro corpo, onde, lampião, fosse aninhá-la contente, até que rendo C. de L. sem mais, nem mais, de repente, encarnhou-se-lhe na pele. E assim ficou satisfeito, após anos, o pedido que por Espo foi feito no deradeiro gemido.

Aquela frase dicens, Espo ao mundo legava aquele que estamos vendo, armado de espada aljava, não como o Amor propriamente, mas como Espo, o corcunda, ferindo e alegrando a gente, na sua frase profunda.

Tendo de Espo a veemência nos sarcasmos mais mordazes, perdesse nobre ascendência — a corcunda e mais os dentes.

Recebeu também na herança dos legados: — viva guerra contra o oráculo, e vingança da derrota que na terra sofrera Creso, o Opulento, quando teve a triste idéia de ir buscar o seu tormento na batalha de Timbreira.

Como temos um oráculo, no Microcosmo ele espreme-o, fazendo guerra ao cendado, ao sempre lembrado Grêmio.

E por lembrar-se de C. de L., dã tiro, tiro e mais tiro, na vingança sempre lesa, contra quem se chama Ciro!

Tem de chiste a ingente clara que o fabulista eternizou. Se Espo fabulista eterno: — Se Espo fabuliza: a. C. de L. "microcosmata".

Sem que o bom leitor se enfade, duas fábulas em conto para mostrar a identidade desta Espiga que ora aponto:

## ESPO E O BURRO

Dom Burro Espo encontrando, Fazendo grava e magostos.

E Ihe disse: — Espo, quando Hás de ser mais carinhoso?

— Deseja, Espo, um pedido Fazêr-te... Eu quero, preciso Que me pintes bem provindo De talento e de juizo.

Responde Espo: — oh, farcista! Pra que o mundo inteiro creia Que tu és o moralista. Eu o burro que escourcia?

## C. de L. E ALGUÉM

\* \*

— Porque me cortas na pele, Porque assim me mordes tanto? Diz alguém, banhado em pranto, Ao "Microcosmo" C. de L.

— Eu, morder?... Sim! não duvidos! Responde ele: estou de acordo... Mas, meu caro, em mordo eu mordo. Que é para não ser mordido!

## MORALIDADE:

Não busquem, leitores cédufas, Atuões, que isso é malidade! Das duas pequenas fábulas Eis toda a "Moralidade".

## D. FUNÇAS

(Novidades de 7.5.1887).

## O ADEUS DA ACADEMIA A CARLOS DE LAET

Discurso do sr. Rodrigo Octávio, presidente da Academia, pronunciado no cemitério de S. Francisco Xavier, na tarde de 8 de dezembro de 1927, ao baixar à sepultura o corpo de Carlos de Laet.

Senhores:

E sob a mais funda emoção que ora quebro o silêncio desta cerimônia. A Academia Brasileira, as lettras nacionais, o Brasil pedem, com o querido morto de hoje, uma de suas maiores fulgorantes flamas.

Batalhador imperturbável, alma de bataldeiros, em busca sempre de novos campos, de novos horizontes, Jamais fugindo da luta nem sentindo cansaço, ou desfalecimento colhe-o a morte em plena atividade intelectual, a despeito do peso de cento anos sem repousos, vividos todos a asperdício de versos verdes tropicais.

Reservou-se para descansar na morte; e fechou os olhos seguro de saudade e palavras de adeus. A hora da glorificação virá mais tarde.

A Academia Brasileira, cujos trabalhos Carlos de Laet iluminou por três décadas com as evoluções do seu espírito e com a contribuição inestimável de seu saber, vai sentir, desolada, o vazio que ele éixa em seu recinto. A mim, pessoalmente, seu admirador e amigo desde o inicio de minha vida pública, pugnei-me ver com sua morte em "utânia" as últimas horas de minha presidência. E' com a dor mais profunda e a mais sincera entoção que cumpre o dever de trazer ao grande bataldeiro, que sua baixa no túmulo, o derradeiro adeus de seus companheiros de trabalho.

A hora rápida desta cerimônia não comporta mais que expressões

e palavras de adeus. A hora da glorificação virá mais tarde.





# RETROSPECTO LITERÁRIO DE 1942

(Lido por Mário Lobo  
na Academia Brasileira  
de Letras, no dia 28-12-1942)

Tornando este retrospecto das atrações da Academia Brasileira de Letras no ano de 1942, cabe-me em primeiro lugar registrar a satisfação de três novos confrades para o quadro dos correspondentes. Reclamaram as escrínias da Academia os nomes dos sr. Egas Miniz e Figueiredo, de Figueiredo, português, e do Jacques Martain, francês.

O sr. Egas Miniz, que veio substituir Carlos Malheiro Dias, é um dos grandes nomes da ciência portuguesa, em suas atuais e desde muito tempo sendo lembrado por muitos das alas da Academia, como um dos vultos mais dignos de figurarem em nossos quadros. Encorajando-o fez a Academia com que um escritor que foi sempre, predominantemente, um puro homem de letras, um jornalista e um romancista, fosse sucedido por outro escritor que foi sempre, primordialmente, um puro homem de ciência. Quanto ao sr. Figueiredo de Figueiredo, veio preencher a vaga de Juarez Maria Rodrigues. Aqui a escolha terá obedecido mais conscientemente a um critério de utilidades capitais. José Maria Rodrigues foi um dos mais extensos espíritos da cultura portuguesa, e apesar de altíssimos recursos de seu talento e de seu erudição no conhecimento das "Luisadas". Era um homem que teve um culto unico na vida, tanto para esse culto, e Igreja todo o quanto para existência sob o signo portador de El-Rei Camões. E' possível imaginarmos que, ao abandonar a Terra, em fluido estado de espírito, não tenha levado ele aquele sentimento leve de Baratina, a de ir casar-se em algum recanto de Sátiro... mas, sim, a que deve reencontrar a sombra do culto de Igreja de Castro, para aí dela prostermear-se. O sr. Figueiredo de Figueiredo, no contrário, velho Rodrigues, me parece um critico suficientemente desenhado dos valores humanos e suas vertentes que ele achasse para si um culto único, mesmo que fosse de divino Camões. Seu campo de estudos é muito mais vasto do que o vastíssimo campo que abrange a epopeia das "Luisadas": é todo o imenso edifício da cultura humana, pois a sua curiosidade nunca abrange todas as épocas e todos os latitudes. Dedicando tanto tempo e natural, o melhor de seu caminho ao estudo das lettras portuguesas, tem ele operado a mais precisa revisão de vidas.

Quanto à eleição do sr. Jacques Martain, ela obedeceu a imperiosos preâmbulos, de ordem intelectual e tutelar, sobretudo de ordem monetária. Veio ele para a subdiretoria de Guilherme Ferrero, escritor, e de extraordinária seduzida. Ferrero esteve algum tempo, como sabem, no Brasil, e aqui foi muito com o grande apreço que lhe devemos. Tornou-se amigo meu, e levo uma admiração enorme por Machado de Assis, Joaquim José Verissimo, Cras Aranha, se a este último faria questão de falar pelo prêmio, ou em suas magníficas cartas. Não recuso dizer-lhe que a gratidão que o nosso país deve a Ferrero tem razões muito mais profundas do que em geral pensamos e creio que futuramente, quando puderem ser feitas certas revelações de sua correspondência, o autor da "Decadência de Roma", há de oferecer-nos balizas para algumas reivindicações cívicas brasileiras da maior importância. Com a morte desse grande homem italiano, chamou a Academia ao seu seio Jacques Martain. Nele trouxemos para o nosso quadro o pensador arguto, que tão procedeu a tantas análises polémicas no espírito de nossa época. Trouxemos o estilita agudo e encantador. Trouxemos o filólogo altissímo de "Príncipe Espiritual", o critico de bergsonismo, o intérprete do pensamento de Luís Vives e Rousseau. Mas trouxemos, principalmente, o homem autêntico de França autêntica, e representante do velho povo que não perde a fé em Deus das amarguras, e francês que debatendo-se no maior río de lágrimas que Jamais inundou uma terra, sem entretanto descer de sua montanhainha de vir a renome e a vitória. Que Jacques

Martain o entenda bem: o pensamento de Academia, no trânsito para os seus quadros, foi o de eleger um dos representantes máximos no pensamento puro, no mundo todo; mas foi, sobretudo, o de levar para a França que todos amamos, a renovação do nosso Jamais adormecido aperço.

## CENTENARIOS

A Academia viu transcorrerem, no ano de 1942, os centenários de vários escritores gregos, brasileiros e estrangeiros. Dos estrangeiros brasileiros o que mais fundamentalmente ficou à nossa instituição foi o de Franklin Tavares. Nasceu ele a 13 de Janeiro de 1842, em Batumi, no Cársia, e foi esfolado patrocinado pelo sr. Clávis Bevilacqua. E' sua, portanto, a sombra projectada que se estende sobre a quadra n.º 14 de nosso quadro criativo. Franklin Tavares é um dos nossos românticos mais característicos, e o olhar de um ponto de vista estritamente brasileiro. Seu campo de observação foi a região do Nordeste. Inspirem-se, frequentemente, nas lendas do povo, e o seu livro mais representativo é aquele em que está fixada a figura de teófilo Cabeleira, precursor de Antônio Silvino e Lampião. Franklin Tavares teve, intida, a ideia da separação do Brasil do Norte e do Brasil do Sul, e orientado por esse ponto de vista, deixou-se envolver se fárias e desafios contra a ruas de Ouvidor. No ardor do seu combate, tornou-se adverso a Alencar, embora o grande romancista fosse, tanto quanto ele era, um representante autêntico do Nordeste, e particularmente do Ceará. E' de certo uma incerteza digna de reparo que esse nordestino, todo preocupado com as buscas de Brasil, detestando tudo o que cheiasse à Europa ou a qualquer influência estrangeira, houvesse em dado momento, assumido uma atitude igualitária à do lusitano Castilho, e à do aristocrático Nabuco, para querer o norte apesaramente brasileiro de "Iracema".

Igualmente passaram em 1942 os centenários de dois poetas, Luis Delfino e Lacerda Coutinho, e de uma brilhante figura de homem público, Waldino de Amaral. De Luis Delfino seria óbvio dizer-lhe alguma coisa. Tem sido ele proclamado, em todos os tempos, um dos poetas maiores do Brasil. Nun concerto da "Semana", realizado em 1883, para se apurar qual seria o maior poeta brasileiro, ele alcançou o terceiro lugar. Obteve o primeiro lugar Gonçalves Dias e o segundo Castro Alves. Abaixo deles ficaram Cesário de Abreu, Teotônio Dias Varela, Alvaro de Azevedo, e Alberto de Oliveira, que só obteve dois votos, e Tomaz Gonzaga, e Basílio da Gama, e Laurindo Ribeiro, e Machado de Assis, que só alcançaram um voto cada um, e Olavo Bilac, e Rainhundo Corrêa e Vicente de Carvalho, que nem sequer foram lembrados. Luis Delfino era um lírico e um voluptuoso. Não quero deixar de reitar aqui um dos seus sonetos, lantos e tantas vezes transcritos, mas que me parece uma das obras primas do gênero, na literatura de nossa língua — o "Cadaver da Virgem".

Estava no caixão como num leito, Pudicamente fria e adormecida, As mãos cruzadas sobre o peito E em cada olhar sem luz um sol Isem vida.

Pes adotos com fita em pé perfetto, De roupas alvas de setim vestida, O torso duro, rígido, direito. A face calma, languida, abatida.

O diadema das virgens sobre a testa, Nove lírios entre as mãos, toda enfeita, Mas como noiva que causou da festa...

Por seis cavalos brancos arrancada, Onde vais tu dormir a longa sesta Na noite cansa em que te vi delada?

Luis Delfino era catarinense, e catarinense era também Lacerda Coutinho, cujo centenário do nascimento transcorreu em 16 de dezembro último. Esse poeta melancólico, tão austero e tão grave, foi um ardente apaixonado das lettras

intimas, e espiritualmente viveu na bela Roma de Ortigão. Compôs as "Ovidianas", levou "Metamorfoses", com um singular aparelho de reminiscências mitológicas. Compôs, igualmente, um livro de lendas escandinavas, redução dos lindos volumes da Saxe Grammatica. E' nô deixa de ser interessante, para o estudo do motivo helenístico do Hamlet, medita a interpretação que a esse assunto deu Lacerda Coutinho. Ele foi, também, um poeta epigramático, talvez com certo juventesco inocente com Elmano, e isso poderá ser demonstrado por alguns de seus versos, como estes:

## JUIZ CONCIENCIOSO

— "Oficial de Justiça, faça valer esta gente!" gritava em certa audiência, irritado, o Presidente.

"Se continua o barulho, fico a sétimo encerrada; e já a décima causa que julgo sem ouvir nada!"

## LEGITIMA PROPRIEDADE

Dizem não ser do vigário Sãozinho que pregou tão bem, Compromisso por bom dinheiro: E' dele, e de mais ninguém.

Nem Luis Delfino nem Lacerda Coutinho pertenceram aos quadros da Academia, o primeiro talvez porque nunca tivesse consentido em publicar em livro os seus versos, dispersando assim um dos tesouros mais opulentos de nossa poesia; o segundo porque... Mas que sei eu desse respeito? Não sei nada, meus caros confrades. O que sei é somente o que todos nós sabemos, é que Lacerda Coutinho tem ficado sempre à margem das cogitações dos críticos brasileiros, sem nem mesmo um lugarezinho nas pobres listas de referências a nomes vagos. E' ele só haja um dos mais autênticos representantes da triste categoria do "etc.". Não terá chegado agora, o momento de lhe fazer justiça, dando-lhe em nossas lettras o lugar que ele merece? — E' um pequeno, um íntimo lugar, dir-me-lhe, talvez, o velho poeta, com a sua desencantada modestia de todos os coisas. Mas — ainda assim — é um lugar que lhe pertence, lhe é só haja que nosqueremos.

Vários outros centenários regis-

traram-se no ano passado, trazendo à nossa imaginação eminentes figuras de escritores e de sábios estrangeiros. Na segunda sessão do ano, que celebroumos a 9 de junho, o nosso querido presidente lembrou a figura de William James, o filósofo criador do Pragmatismo, cuja data centenária passava dois dias depois. Foi o mês de ano, Ribeiro-Pinto celebrou: numa conferência, em sessão pública, a data centenária de François Coppée. Em fim de novembro, Manoel Bandeira evocou a obra de Stéphane Mallarmé, nascido também há um século. Ainda passaram em 1942, duas datas gloriosas das lettras francesas: o centenário da morte de Stendhal e o cinquentenário da morte de Renan. Não foi possível fazer, na data exata, a comemoração das duas escritoras. Ouviremos, porém, em 1943, o elogio do autor de "Le Rouge et le Noir" feito por um dos mais entusiasmados拜ylistas desse país, Ribeiro Couto. Provavelmente ouviremos, também, alguma coisa sobre Renan, embora o acadêmico a quem esta reservada essa encantadora tarefa não possa assegurar com absoluta honestidade que haja de desincumbir-se dela.

De todos os centenários estrangeiros que a Academia celebrou o ano passado, entretanto, aquie que mais intimamente nos fazia referência é de Antero de Quental. E' uma das grandes vozes da poesia de nossa língua. Foi pessimismo, pela tristeza insta, pelo ângulo de desilusão e dor, sob o qual olha a vida e observa as coisas divinas e as coisas humanas. Ele tem uma afinalidade muito profunda conoscê os brasileiros. E' comum com a dele aquela tristeza difusa que ensina a alma dos nossos poetas mais característicos — aquela tristeza que está expressa em humorismo e ironia num poeta como Azevedo, que em Rainhundo Corrêa, no Blas de "Tartu", em Augusto dos Anjos, é intríspido filósofico, aquela tristeza que em todos nós, e que encontrou em

alguns dos nossos poetas modernos rapsódicos e exa-perados como São, uma expressão patética. Antero foi o principal reformador do ambiente intelectual e moral de sua pátria, e a obra que ele realizou tem uma importância que nunca será suficientemente enaltecidida. Podemos dizer, seu exagero, que ele — ele sozinho

— foi a Revolução em Portugal. Sua influência incusidíssima está nos melhores capítulos portugueses da sua época: foi ele que tornou possível o aparecimento de um Eu de Queiroz, esse milagre, e o de um Ramalho Ortigão. No Brasil o influjo de Quental tem sido igualmente fecundo. Para comemorar essa grande figura, realizou a Academia uma sessão pública em 30 de abril, falando Clementino Praga,

## SENSOES SOLENEIS

Dous foram as sessões solenes que a Academia realizou: uma, em 21 de janeiro, para prestar homenagem ao Delegado da 3ª Reunião de Consulta dos Chanceleres Americanos; a outra para prestar homenagem ao general Agustín P. Justo.

Na primeira, ouvimos cinco oradores entre os quais dois brasileiros, nosso confrade João Neves e o chanceler Oswaldo Aranha. Os outros três foram os sr. Sumner Welles, Daniel Bellegarde e Enrique Guinazu, representantes, respectivamente, dos Estados Unidos, do Haiti e da Argentina. Trouxe cada um deles em sua língua natal, a mensagem da fraternidade e da esperança. Na segunda, falou Chaves de Souza, sendo entregue ao general Justo as "Palmas Acadêmicas de Ouro".

## VISITANTES ILUSTRES

Várias outras visitas ilustres receberam a Academia Brasileira no decorrer de 1942. Registraram a de Rubens de Amorim, jornalista britânico, com assidua atividade na imprensa paulista, nosso confrade da Academia Paulista de Letras; de John P. Vance, diretor da Secção Jurídica da Biblioteca do Congresso de Washington; a de Monsenhor Barbieri, Arcebispo de Montevideu; a de Charles Thompson, escritor norteamericano; a do sr. Gustavo Capazza, ministro da Educação e Saúde, que nos trouxe, como já disse o sr. Maedano Soares, uma sugestão prática sobre a questão do Vocabulário.

## OFERTAS DE RETRATOS

Outras visitas ainda receberam a nossa casa, visitas que não podemos esquecer, no momento em que rememoramos os grandes dias do ano que está a findar. Algumas

(Continua no próximo número)

## DUAS CANÇÕES DE SILENCIO

### I

Sente como o silêncio  
Se fez de repente  
Para o nosso amor  
Horizontalmente...

### II

Crê apenas no amor  
E em mais nada  
Cala; escuta o silêncio  
Que nos fala  
Mais intimamente; ouve  
Sozegada  
O amor que desperta  
O silêncio...

Deixa as palavras à poesia.

VINICIUS DE MORAES

# ANTOLOGIA DA LITERATURA

## MANUEL BANDEIRA

*Manuel Bandeira, nascido no Rio, na baixa da Carioca, na praia que hoje se chama Joaquim Nabuco, em 10 de abril de 1898. Filho do dr. Manuel Corrêa de Souza Bandeira, que foi oito procurador do Ministério da Educação e ex-substituto de Souza Bandeira, autor de "Estudos e Passos" e de "Elocções" membro da Academia, substituto, "sous la coupole", de Mariana Junior.*

Aos dois anos, veio para o Rio, e aqui ficou durante quatro anos. Aos sete, exilou-se de novo no Recife, em casa do avô, o dr. Costa Ribeiro, missionário que teve grande papel na questão religiosa, pois foi a sua expulsão da Irmandade de Santo Antônio o início da luta em que D. Vital tâo destemidamente defendeu as prerrogativas da igreja no Brasil.

E a essa idade que ele inicia os seus estudos primários, primeiramente com os irmãos Barros Barreto e depois no Colégio de Virgílio Marques Carneiro Ledo. Aos dez anos, transferiu-se para o Rio. Entrou para o Ginásio Nacional, e ali pertence a uma turma de estudantes que se chamam Souza da Silveira, Antônio Nascientes, Artur Moses, Lopes da Costa, etc. Souza da Silveira exerceu, desde logo, o maior influência sobre o espírito do colega que já o considerava um mestre. Os professores daqueles rapazes são homens consideráveis: do pensamento brasileiro, chama-se José Verissimo, o professor de geografia, Sátil Al., o professor de ciências, Silviano Ramalho o professor de português, José Ribeiro, o professor de história...

Manuel Bandeira, a esse tempo, já fizera as primeiras tentativas literárias. Seu vindo mais velho (tinha quatro anos mais do que ele) jardaria, nos quatorze anos, um jornal dedicado a corridas de carros — "O Sport". Manuel tinha dez anos, e já possuía alguma veleidade de homem de letras. Ali publicou seus primeiros versinhos, suas primeiras ilustrações humorísticas. Pena que "O Sport" fosse um jornal de apenas quatro números, hoje todos desparecidos.

Findo o curso ginásial, segue para São Paulo, faça matricular-se na Escola Politécnica para fazer o curso de arquitetura. Nua férias do primeiro para o segundo ano, porém, adioce, e se ve forçado a interromper os

estudos. Empreende longas viagens, no Brasil e fora do Brasil, à procura de melhorias para a saúde. Minas Gerais, Teresópolis, Ceará, depois, na Suíça. Claro, e vitória batendo o vento e fazendo os seus dolorosos versos durante essas suas tristes de enfermidade.

Em 1917, está de volta ao Brasil, e publica seu primeiro livro a "Cinza das Horas" (a qual primeiramente pensou em dar o título de "Poesias melancólicas"). Já em 1919, por influência de Apolinário, Guy-Charles Gros e Mac-Fiona Ledo, começara a escrever seus primeiros versos. Livros (segundo sua própria confissão), o poema "Carinhoso Irists", só publicado em 1924, fora escrito em 1912. Em 1919, publicou "O Carnaval", em 1924, as "Poesias", em 1930, a "Libertinagem", em 1932, a "Estrela da Manhã", em 1937, as "Poesias Escolhidas", e em 1940, as "Poesias completas". Prossador de constantes atuações em vários jornais, ele reuniu, em 1936, os melhores dos seus estudos de crítica e de história, no volume que intitula "Crônicas da Província do Brasil". Tem publicado também duas antologias de poetas brasileiros, na coleção oficial do Ministério da Educação, e sua contribuição para as literaturas em traduções que ora vem associadas com o seu nome e ora aparecem sob pseudônimo, e numerosa e extensa.

Manuel Bandeira foi eleito, em 29 de agosto de 1940, para a Academia Brasileira, na voga de Luiz Guimarães Filho, e ali foi recebido, em 30 de novembro do mesmo mês, pelo seu compatriota direito, Ribeiro Couto.

### Bibliografia da poesia de Manuel Bandeira

- *Manuel Bandeira tem publicado os seguintes livros de poesia:*
- *A Cinza das Horas (Verso)* 1917. (Esgotado). Foi vendido na Livraria Leite Ribeiro e Maurício, à rua de Santo Antônio, n.º 3 Rio de Janeiro.
- *Carnaval. 82 páginas, 1919. (Esgotado).*
- *Poemas. 303 páginas. Edição da Revista de Língua Portuguesa. Rio. 1924 — Contém: A Cinza das Horas — Carnaval — O Ritmo dissoluto. Esgotado.*
- *Libertinagem. 88 páginas. Paulo Pongetti e Cia. Rio. 1930. (Esgotado).*
- *Estrela da Manhã. 51 páginas. Rio. 1936. (Esgotado).*
- *Poemas Escolhidas. 206 páginas. — Civilização Brasileira Editora. — Rio. 1937. (Esgotado).*
- *Poemas completas. 178 páginas. Civilização Brasileira, S. A. Rio. 1940. — Contém: A Cinza das Horas — Carnaval — O Ritmo dissoluto — Libertinagem — Estrela da Manhã — Lira dos Cinquenta.*

*Manuel Bandeira numa caricatura feita de sua vida por Henrique da Cunha de Ilídio Ledo.*

### PRIMEIRA SÉRIE — ANTOLOGIA DA POESIA

#### VERSONS ESCRITOS NAGUA

Os poucos versos que ai vão.  
Em lugar de outros é que os ponho.  
Tu que me les, deixo no teu sonho  
Imaginas como serio.

Nelas portas tua tristeza  
Ou bem teu jubilo e, talvez,  
Lhes achares, tu que me les,  
Alguma sombra de beleza...

Quem os ouviu não os amou.  
Meus pobres versos evocados.  
Por isso fiquei esquecido.  
Onde o meu vento os alrou.

#### INSCRIÇÃO

Aqui, sob esta pedra, onde o orvalho roceja.  
Repousa, embalado em ócios vegetais.  
O alvo corpo de quem, como uma ave que adeja,  
Dançava desaudosa, e hoje não dança mais...

Quem não a viu é bem provável que não veja  
Outro conjunto igual de partes naturais.  
Os seus tinham-lhe elmo. Outras, tinham-lhe inveja.  
E no fita-las os varões tinham passos sensuais.

A morte a surpreendeu um dia que sonhava.  
Ao por do sol, desceu entre sombras fúria  
A terra, sobre a qual de leve pesava...

Eram as suas mãos mais lindas sem anéis...  
Tinha os olhos azuis... Era loura e dançava...  
Seu destino foi curto e bom... Não a choreis.

#### CHAMA E FUMO

Amor — chama, e, depois, fumaça...  
Medita no que vais fazer:  
O fumo vem, a chama passa...

Gozo cruel, ventura escassa,  
Dono do meu e do teu ser.  
Amor — chama, e, depois, fumaça...

Tanto ele queima! e, por desgraça,  
Quemado o que melhor houver,  
O fumo vem, a chama passa...

Paixão puríssima ou devassa,  
Triste ou feliz, pena ou prazer.  
Amor — chama, e, depois, fumaça...

A cada par que a aurora enlaça,  
Como é pungente o entardecer!  
O fumo vem, a chama passa...

Antes, todo ele é gosto e graça.  
Amor, fogueira linda a arder!  
Amor — chama, e, depois, fumaça...

Por quanto, mal se satisfaça  
(Como te poderei dizer?)  
O fumo vem, a chama passa...

A chama queima. O fumo embaga.  
Tão triste que é! Mas, tem de ser...  
Amor... — chama, e, depois, fumaça:  
O fumo vem, a chama passa.

#### A CANÇÃO DE MARIA

Que é de ti, melancolia?...  
Onde estais, cuidados meus?...

Sei que a minha alegria  
É toda vindia de Deus...  
Deitei-me triste e sombria,  
E amanheci como estou...  
Tão contente! Todavia  
Minha vida não mudou.  
Acaso enquanto dormia  
Esquecida de meus aís,  
Um sonho bom me envolvia?  
Se foi, não me lembro mais...  
Mas se foi sonho, devia  
Ser bom demais para mim...  
Senão, não me sentiria  
Tão maravilhada assim.

O' minha linda alegria,  
Trégua dos cuidados meus,  
Porque não venha todo dia,  
Se é toda vindia de Deus?

#### ELEGIA PARA MINHA MÃE

Nesta quebrada de montanha, donde o mar  
Parece manso como um recôncavo de angria,  
Tudo o que há de infantil dentro em minh'alma

Na dor de ter visto, ô Mãe, agonizar!

Entregue à auguado evocadora do ermo,  
Em pranto remanesco o teu lenço martirio.  
Até quando explante a ardente luz de um elrin,  
A alma que se transia atada ao corpo enfermo.

Relembro o rosto magro, onde a morte deixou  
Uma expressão como que eternita de espanto  
(Que imagem de tão grave e prestigioso encanto  
Em teus olhos já meio inâmimes p'sou?)

Revejo os teus pequenos pés... A mão franzinhas...  
Tão musical... A fronte baixa... A boca exangue...  
A duas geradas passara já teu sangue.  
— Eras avô... e morta era uma menina.

No silêncio daquela noite funeral  
Onco a voz de meu pai chamando por teu nome.  
Mas não posso pensar em ti sem que me tome  
Todo a recordação medonha de teu mal!

Tu, cujo coração era cheio de medos  
Temias os trovões, o telegrafo, o escuro...  
Ah! pobrezinha! um fim terrível, o mais duro.  
E' que te sufocou com implacáveis dedos.

Agora se me despedeço o coração  
A cada pormenor, o revivo cem vezes.  
E cho, o neste instante pranto de três meses  
(Durante os quais sorri para tua ilusão!).

Enquanto que a buscar as solitárias ásias,  
As máscaras sem consolo, as vontades quebradas.  
Vou, diminuindo-se no longe das distâncias,  
A prece vespacial em fundas badaladas!

#### VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA

Vou-me embora pra Pasárgada  
Lá sou amigo do rei  
Lá tenho a mulher que eu quero  
Na cama que escolherei  
Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada  
Aqui eu não sou feliz  
Lá a existência é uma aventura  
De tal misto inconsequente  
Que Juana a Louca de Espanha  
Raihá e finge demente  
Vem a ver contrapartida  
Da porta que nunca vive

E como fará ginástica  
Andar de bicicleta  
Monta ei em burro brabo  
Subir no pau de coba  
Tomarei banhos de mar  
E quando estiver cansado  
Deito na beira do rio  
Mando chamar a mãe dágua  
Pra me contar as histórias  
Que no tempo de eu menino  
Rosa vinha me contar  
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo  
E' outra civilização  
Tem um processo seguro  
De impedir a concepção  
Tem telefone automático  
Tem alcáliide à vontade  
Tem prostitutas bonitas  
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste  
Mas triste de não ter jeito  
Quando de noite me der  
Vontade de me matar  
— Lá sou amigo do rei...  
Terrei a mulher que eu quero  
Na cama que escolherei  
Vou-me embora pra Pasárgada

#### ORAÇÃO A TERESINHA DO MENINO JESUS

Perdi o jeito de sofrer.  
Ora essa.  
Não sinto mais aquele gosto cabotino da tristeza.  
Quero alegria! Me dá alegria,  
Santa Teressá!  
Santa Teressá não. Teresinha...  
Teresinha... Teresinha...  
Teresinha do menino Jesus.

Me dá alegria!  
Me dá a força de acreditar de novo  
No  
Pejo Sinal.  
Da Santa  
Cruz!  
Me dá alegria! Me dá alegria,  
Santa Teressá!  
Santa Teressá não. Teresinha...  
Teresinha do menino Jesus.

# BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

## MADRUGADA

As estrelas tremem no ar frio, no céu frio...  
E no ar frio pinga, levíssima, o erva-linda.  
Num mês um ruído corta o silêncio da estrada,  
Sendo na ribanceira um vago murmurio.

Tudo dorme. Eu, no entanto, olho o espaço sumbrío,  
Dormindo em ti, o doce imagem adorada!...  
As estrelas tremem no ar frio, no céu frio,  
E no ar frio pingam as gotas da orvalhada...

E assim penso em ti, no meu sonho erradio,  
Sentindo a dor atroz desta ânsia incontentada.

Fora, nos beijos glaciais e cruéis da geadá,  
Trincam as flores. Teme e foge, ondrando, o rio,

E as estrelas tremem no ar frio, no céu frio...

## CANTILENA

"O solitário! O paus, etc!"

O céu parece de algodão.  
O dia morre. Choveu tanto!  
As minhas palavras estão  
Como embrulhadas pelo pranto.

Sinto-o descer devagarinho,  
Choio de náufragos e mansidão.  
A minha testa quer carinho,  
E pede afago à minha mão.

Debalde o rio docemente  
Canta a montanha canção:  
Minh'alma é um menino doente  
Que a alma acalma mais em voo.

A névoa baixa. A obscuridade  
Cresce. Tâmbem no corredor  
Perdida nevada de saudade  
Cai. O pebrival! O solitário!

## O DESCANTE DE ARLEQUIM

A tua alma não nasceu  
Através da prudência, aço fúrios.  
Pois tu nas fostes como o meu,  
Do amor lirônico e carinhoso.

E... e quanto a lirônico  
A tua alma é tua alma,  
A tua alma é tua alma,  
Tua alma é tua alma.

Ei-hi, com o teu amor sem vinicom,  
Amo-nos os tristes e os heróicos,  
Eu, morta, veste de rebeldia,  
Só nisto quanto te convém.

Não sei me dar do teu recato,  
Ai, a solidão pelo visto,  
E o lirônico acomodatico,  
A tua alma, agora bala,

Que importa? ao menos o teu ser  
Abriu um anelito corruto  
E quererá por um minuto  
O prazer de viver.

E eu, vagabundo sem idade,  
Contra a moral e contra os códigos,  
Paro-me entre os meus braços pródigos  
Um momento de eternidade...

## A DAMA BRANCA

A Dama Branca que eu encontrei,  
Faz tantos anos.  
Na minha vida sem lei nem rei,  
Sorriu-me em todos os desenganos.

Era amiga de compaixão?  
Era amiga de zombaria?  
Era essa moça nem dô, Sônia,  
Boas tristezas me terrinha.

E a Dama Branca sorriu também  
A cada jubilo interior.  
Só ria como querendo bem.  
E todavia não era amar.

Fui lá? — Credo! De dia? —  
Por história... quem sabe lá?...  
A Dama tinha caprichos físicos:  
Era uma estranha vulcâvaga.

Ela era o gênio da corrupção.  
Ladra de vícios adulterinos.  
Tinha amantes: uma porção,  
Até mulheres. Até meninos.

Ao pobre amante que lhe queria,  
Se lhe furtava sarcástica.  
Com uns perjura, com outros iria,  
Com outros má.

— A Dama Branca que eu encontrei,  
Faz tantos anos,  
Na minha vida sem lei nem rei,  
Sorriu-me em todos os desenganos.

Era constância de anos a lio,  
Sutil, captura-mé. E imaginai!  
Por uns noite de muito frio  
A Dama Branca levou meu pai.

## HIATO

És na minha vida como um luminoso  
Poema que se leva comovidamente  
Entre sorrisos e lágrimas de gozo...

A cada imagem, outra alma, outro ente  
Parece entrar em nós e manso enlaçar  
A velha alma arruinada e doente...

— Um poema luminoso como o mar,  
Aberto em sorrisos de espuma, onde as velas  
Fogem como garças longínquas, no ar...

## TOANTE

...wie ein stiller Nachtgebet.  
Lenau.

Molha em teu pranto de aurora as minhas mãos  
Ipáldas.  
Molha-as. Assim eu as quero levar à boca,  
Em espírito de humildade, como um calice  
De penitência em que a minh'alma se faz boa...

Foi assim que Teresa de Jesus amou...  
Molha em teu pranto de aurora as minhas mãos  
Ipáldas.  
O esplamo é como um êxtase religioso...  
E o teu amor tem o sabor das tuas lágrimas...

## ALUMBRAMENTO

Eu vi os céus! Eu vi os céus!  
Oh, essa angústia branca  
Sem tristes pejos e sem véus!

Nem uma nuvem de amargura  
Vem à alma desassossegar.  
E sinto-a bela... e sinto-a pura...

Eu vi nevar! Eu vi nevar!  
Oh, cristalizações da bruma  
A mortalihar, a enlilar!

Eu vi o mar! Lírios de espuma  
Vinhame desabrochar à flor  
Da águia que o vento desapruma...

Eu vi a estrela do pastor...  
Vi a lirône alvincente...  
Vi... vi o rastro do Senhor!...

Eu vi a Vin-Látea aludente...  
Vi comunhões... caspas... véus...  
Súbito... alucinadamente...

Vi coros triunfais... troféus...  
Pérolas grandes como a luna...  
Eu vi os céus! Eu vi os céus!

Eu vi-a nua... toda nua!

## CARINHO TRISTE

A tua boca ingénua e triste  
E voluptuosa, que eu saberia fazer  
Sorrir em meio dos pesares e chorar em meio das  
alegrias,

A tua boca ingénua e triste  
E' dele quando ele bem quer.

O teu seio miraculosos,  
Que amamentaram sem perder.  
O precário frescor da pubescência,  
Teus seios, que são como os seios intactos das  
virgens,

São dele quando ele bem quer.

O teu claro ventre,  
Onde como no ventre da terra ouço bater  
O mistério de novas vidas e de novos pensamentos,  
Teu ventre, cujo contorno tem a pureza da linha  
do mar e céu ao por-do-sol,

E' dele quando ele bem quer.

Só não é dele a tua tristeza.  
Tristeza dos que perderam o gosto de viver.  
Dos que a vida traia impiedosamente.  
Tristeza de criança que se deve afagar e acalentar.  
(A minha tristeza também!...)

Só não é dele a tua tristeza, ó minha triste amiga!

Porque ele não a quer.

## NOITE MORTA

Noite morta.  
Junto ao poste de iluminação  
Os sapos engolem mosquitos.

Ninguém passa na estrada.  
Nem um bêbedo.

No entanto há seguramente por ela uma procissão  
(de sombras).

Sombras de todos os que passaram.  
Os que ainda vivem e os que já morreram.

O côrrego chora.  
A voz da noite...

(Não desta noite, mas de outra maior).

## PNEUMO-TORAX

Febre, heineptise, dispnéia e suores noturnos.  
A vida intima que podia ter sido e que não foi.  
Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:

— Diga trinta e três.

— Trinta e três... trinta e três... trinta e três...

— Respire.

— O sr. tem uma excavação no pulmão esquerdo e o  
pulmão direito infiltrado.  
— Então, doutor, não é possível tentar o pneumo-  
torax?

— Não. A única coisa a fazer é tocar um tango  
argentino.

## COMENTÁRIO MUSICAL

O meu quarto de dormir a cavaleiro da entrada da  
Ibarra.  
Entram por ele dentro  
Os ares oceânicos,  
Maresias atlânticas:  
São Paulo de Loanda, Pigueira da Foz, praias gaé-  
(lícias da Irlanda...).

O comentário musical da paisagem só podia ser o  
(susurro sinfônico) da vida civil.

No entanto o que ouço neste momento é um silvo  
(tagado de saguim):  
Minha vizinha de baixo comprou um saguim.

## POEMA DE FINADOS

Amanhã que é dia dos mortos  
Vai ao cemitério. Vai  
E procura entre as sepulturas  
A sepultura de meu pai.

Leva três rosas bem bonitas.  
Ajoelha e reza uma oração.  
Não pelo pai, mas pelo filho:  
O filho tem mais piedade.

O que resta de mim na vida  
É a amargura do que sozinho.  
Pois nada quer, nada espero,  
E em verdade estou morto ali.

## POÉTICA

Estou farto do lirismo comedido  
Do lirismo bem comportado  
Do lirismo funcionalista público com livro de ponto  
expediente protocolo e manifestações de apreço  
ao sr. diretor

Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no  
dicionário o cumbo vernáculo de um vocabulário

Abaixo os puristas

Toda as palavras sobretudo os barbarismos uni-  
versais  
Todas as construções sobretudo as sintaxes de  
lexecção  
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador  
Político  
Raquitico  
Sifilitico

De todo o lirismo que capitula no que quer que seja  
fora de si mesmo.

De resto não é lirismo  
Será contabilidade tabelas de co-senso secretário do  
amante exemplar com cem modelos de cartas e as  
diferentes maneiras de agradar às mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos  
O lirismo dos bêbedos  
O lirismo difícil e punhento dos bêbedos  
O lirismo dos clowns de Shakespeare

— Não quero mais saber do lirismo que não é  
libertação.

## O ÚLTIMO POEMA

Assim eu quereria o meu último poema

Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e  
(menos intencionais)  
Que fosse ardente como um soluto sem lágrimas  
Quê tivesse a beleza das flores quase sem perfume  
A pureza da chama em que se consumem os dia-  
(mantes mais limpidos)

A paixão dos suicidas que se matam sem explicação.

## PROFOUNDAMENTE

MANUEL BANDEIRA

Quando ontem adormeci  
Na noite de São João  
Havia alegria e rumor  
Estrondos de bombas luces de Bengala  
Vozes cantigas e risos  
Ao pé das fogueiras acesas.

No meio da noite despertei  
Não ouvi mais vozes nem ríos  
Apenas ruídos  
Passavam errantes  
Silenciosamente  
Apenas de vez em quando  
O ruído de um bonde  
Coava o silêncio  
Como um túnel.

Onde estavam os que há pouco  
Dançavam  
Cantavam  
E rião  
Ao pé das fogueiras acesas?

— Estavam todos dormindo  
Estavam todos deitados  
Dormindo  
Profoundamente

Quando eu tinha seis anos  
Não pude ver o fim da festa de São João  
Porque adormeci

Hoje não ouço mais as vozes daquela tempo  
Minha avó  
Meu avô  
Totonho Rodrigues  
Tomásia  
Ro-a  
Onde estão todos eles?

— Estavam todos dormindo  
Estavam todos deitados  
Dormindo  
Profoundamente.

## CANÇÃO DE MUITAS MARIAS

MANUEL BANDEIRA

Uma, duas, três Marias,  
Tira o pé da noite escura,  
Se uma Maria é demais,  
Duas, três, que não seria?

Uma é Maria da Graça,  
Outra é Maria Adelaide:  
Uma tem o pai pau dágua,  
Outra tem o pai alcaide.

A terceira é tão distante,  
Que só vendo por binóculo.  
Essa é Maria das Neves,  
Que chora e sofre do figadão!

Há muitas Marias na terra:  
Tantas que é um não acabar.  
— Mais que as estrelas no céu,  
Mais que as folhas na floresta,  
Mais que as areias no mar!

Por uma saírei de vará,  
Por outra estudei tupi,  
Mas a melhor das Marias,  
Foi aquela que eu perdi.

Essa foi a Maria Cândida  
(Maria digam por favor),  
Minha Maria enfermeira,  
Tão forte e morreu de gripe,  
Tão pura e não teve sorte,  
Maria do meu amor.

E, depois dessa Maria,  
Que foi cândida no nome,  
Cândida no coração;  
Que em vida foi a das Dóres,  
E hoje é Maria do Céu,  
Não cantarei mais nenhuma,  
Que a minha lira estalou,  
Que a minha lira morreu!

## ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

"Autores e Livros" (início, que o mereça) terá assim uma hoje, a publicação da "Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea". Nela incluiremos os poetas e os prosadores mais característicos do atual momento, fazendo na obra de cada um deles uma seleção dos trabalhos que mais interesse apresentarem para os leitores. Cada seleção ficará acompanhada de uma notícia biográfica e bibliográfica do autor, de um retrato dele, e, sempre que for possível, de um autógrafo. Cada autor vivo (desde

Acalanto de John Talbot

Dorme, meu filhinho,

Dorme sossegado.

Dorme, que a terra late  
Cantarei baixinho.

O dia não tarda,

Vai amanhecer ...

Corre é frio o ar!

O angústia da guarda

Que o Senhor te deu,

Pode adormecer,

Pode descausar,

Que te guarda eu

Manuel Bandeira

## ALGUMAS FONTES DE ESTUDO

Entre muitas outras, apontamos, como fontes de estudo sobre Manuel Bandeira, os seguintes trabalhos:

- Agripino Grieco — *Evolução da poesia brasileira*.
- Andrade Muricy — *A nova Literatura brasileira*.
- Homenagem a Manuel Bandeira. Rio de Janeiro, 1936.

## EMENDA AO SUPLEMENTO PASSADO

O suplemento passado (dedicado ao índice do terceiro volume) saiu com alguns erros de revisão dos quais pedimos desculpas aos leitores. Três desses erros exigem retificação, e são os seguintes:

— A página 297, é dado como sendo da autoria de João Ribeiro o artigo — *Idéias e opiniões* de Lima Campos, trabalho de João do Rio;

— A mesma página, registra-se um artigo de Ribeiro Couto com o título *Homenagem e Poesia do Quotidiano em França*: substituir-se a palavra *Homenagem por Humildade*;

— A página 285, no título do índice, saiu a indicação de Segundo Volume — quando havia de ser Terceiro Volume.

Contem trabalhos de Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Ágvar Rehault, Afonso Arinos de Melo Franco, Alfonso Reyes, Alvaro Moreyra, Antônio Machado, Antenor Nascentes, Augusto Frederico Schmidt, A. C. Couto de Barros, Danie Milano, Gastão Cruls, Gilberto Freyre, Gustavus Capanema, João Alphonsus, Jorge de Lima, José Lins do Rego, Lucia Miguel Pereira, Marques Rebello, Mário Leão, Murtilo Mendes, Olávio de Faria, Olívio Montenegro, Onestaldo de Pennaforte, Pedro Daniels, Pedro Nava, Ribeiro Couto, Rodrigo M. F. de Andrade, Sergio Buarque de Holanda, Souza da Silveira, Tristão de Alcâide, Vinícius de Moraes.

— João Ribeiro — Artigos de "Imparcial" por ocasião do aparecimento de *A Cinza das Horas e Carnaval*, respectivamente em 23 de julho de 1917 e 15 de dezembro de 1919.

— Mário Leão — Série de quatro estudos no "Jornal do Brasil" sobre as *Poemas Completas* (Novembro de 1940).

Mário Leão. — *Roteiro das duas gerações* — *A MANHÃ*, 9 de agosto de 1942.

— Ribeiro Couto. — Discurso recebendo Manuel Bandeira na Academia Brasileira de Letras. Encontra-se na Revista da Academia Brasileira, segundo semestre de 1940. (Foi tirada uma separata, contendo os dois discursos).

— Tristão de Alcâide. — *Estudos*, 5.ª série.

— Vinícius de Moraes. — Estudo sobre a poesia brasileira, na revista "Sur", de Buenos Aires. (1942).

E ainda: estudos e artigos diversos de Alvaro Lima, Eliot Pontes, Afonso Arinos de Melo Franco, Manuel Anselmo, etc.

## ENTÃO E HOJE...

(Continuação da pág. 12)

avos olhos a este fragrâncio da humanidade que é a nossa pátria, e melhorar no coração dos Brasileiros o sentimento dessa fraternidade que tanto inscreve nos papéis públicos e que tanto alegra na vida oficial.

CARLOS DE LAET.